



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

REBECA GLIM TAVARES

**PERCEPÇÕES ACERCA DA TRAJETÓRIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UMA ALUNA SURDA**

CASTANHAL-PA  
2022

REBECA GLIM TAVARES

**PERCEPÇÕES ACERCA DA TRAJETÓRIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UMA ALUNA SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Licenciado(a) em Educação Física.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutoranda Mara Cristina Lopes Silva Araújo

CASTANHAL-PA  
2022

Acesse <http://bcficat.ufpa.br/> para gerar a ficha catalográfica

REBECA GLIM TAVARES

**PERCEPÇÕES ACERCA DA TRAJETÓRIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:  
RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UMA ALUNA SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr<sup>a</sup>. Elren Passos Monteiro  
UFPA

---

Dr<sup>a</sup>. Darinez de Lima Conceição  
UFPA

---

Me. Rubens Alexandre de Oliveira Faro  
UFPA

---

Esp. Leide Laura Costa da Silva  
SEMED/Castanhal

Dedico a concretização deste trabalho ao Deus que esteve comigo em todos os momentos desde o primeiro dia, o meu amigo, aquele que me deu forças, para persistir, não desistir frente aos obstáculos e adversidades; a ele que me permitiu ter a oportunidade de vivenciar essa experiência tão importante na minha vida, minha eterna gratidão ele.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus a cima de tudo, pois sem ele eu não teria chegado onde cheguei, na realização desse projeto e por ele ter me sustentado e me dado forças para lutar, ultrapassar barreiras e obstáculos nessa caminhada; Agradeço aos meus pais pelo amor, carinho e que me ajudaram e me motivaram a cursar uma universidade, ao meu amado professor Rubens Faro que muito enriqueceu meus conhecimentos sobre direitos e contribuiu para a minha transição de identidade, formação, oportunidades, motivação, e pela amizade, à professora Mara Cristina pela Orientação na conclusão desse trabalho pelas muitas experiencias ,apoio vivências; ao meu querido amigo Carlos Dyeggo pela grande amizade, apoio, suporte, companheirismo, ensinios e maravilhosas vivências compartilhadas; a minha amiga Nailza Darielle pela amizade, apoio e parceria no curso de Educação Física; ao grupo de estudos Geplises pela troca de experiências, estudos, formação, capacitação na área de Libras e educação inclusiva. Aos intérpretes Rafael Teixeira e Thiago Augusto pelo seu trabalho, suas contribuições na interpretação que me auxiliaram ao longo da graduação. Ao Nacess pelo auxílio, acessibilidade, vivência e experiências.

Agradeço a Faculdade de Educação Física pelo apoio e suporte ao longo da graduação. Agradeço também a todos os docentes que fizeram parte da minha formação acadêmica. Saibam que no ano de 2016, entrei uma menina que tinha deficiência auditiva, e hoje saio como uma mulher Surda, com a identidade formada pelos estudos e conhecimentos adquiridos ao longo da graduação na Universidade Federal do Pará a Maior do Norte!

“O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram”

Jean Piaget

## **RESUMO**

Este trabalho trata-se de um estudo autobiográfico por dentro da vivência de formação universitária de uma aluna do curso de Educação Física da UFPA no Campus de Castanhal-PA a partir de uma narrativa de fatos marcados na transição de identidade ouvinte para a identidade surda, em relação com suas projeções de vida no meio Social, Profissional, Familiar e pessoal, apresenta a trajetória educacional desde a infância, até a conclusão do curso graduação. Após estes relatos, é apresentado uma análise e discussão de dados. Dentro os inúmeros desafios abordados destacam-se o fato de ter nascido ouvinte e posteriormente ter adquirido a surdez, que resultaram em enfrentar novos desafios como barreiras sejam elas atitudinais, comunicacionais, assistivas entre outras, tais como problemas advindas de docentes, colegas de sala, espaço-social, recursos, intérpretes de Libras culminando em uma crítica a acessibilidade da universidade. também as dificuldades e desafios que vivenciadas a possibilidade de poder ter tido uma visão diferenciada de conhecimento de mundo e assim, ampliar novos horizontes, novos conhecimentos para futuras experiências como profissional. aceitação pessoal e familiar, me levando a um encontro com uma identidade Surda até então desconhecida.

## **ABSTRACT**

This work is an autobiographical study within the experience of university education of a student of the Physical Education course of UFPA at the Castanhal-PA Campus from a narrative of facts marked in the transition from hearing identity to deaf identity, in relation to their projections of life in the Social, Professional environment, Family and personal, presents the educational trajectory from childhood, until the completion of the undergraduate course. After these reports, an analysis and discussion of data is presented. Among the numerous challenges addressed are the fact that he was born a listener and later acquired deafness, which resulted in facing new challenges such as barriers such as adherinial, communicational, assistive among others, such as problems arising from teachers, classmates, social space, resources, libras interpreters culminating in a critique of the accessibility of the university. Also the difficulties and challenges that lived the possibility of having had a differentiated vision of world knowledge and thus broaden new horizons, new knowledge for future experiences as a professional. personal and family acceptance, leading me to an encounter with a deaf identity previously unknown.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                      |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Foto Primeiro dia de aula.....                                                            | 13 |
| Figura 2- Foto Desfile 07 de setembro 2002 .....                                                     | 14 |
| Figura 3 - Foto me sentindo indisposta .....                                                         | 15 |
| Figura 4 - Foto Hospital Frei Daniel de Samarate .....                                               | 16 |
| Figura 5 - Comemoração na escola dos meus 7 anos de idade.....                                       | 19 |
| Figura 6 - Foto com as minhas Professoras .....                                                      | 19 |
| Figura 7 - Foto da Minha Colação de Grau .....                                                       | 20 |
| Figura 8 - Centro Educacional Fonte do Saber.....                                                    | 20 |
| Figura 9 - aparelho auditivo externo (AASI).....                                                     | 22 |
| Figura 10 - Comemoração Caloura UFPA 2015 .....                                                      | 29 |
| Figura 11 - Minha amiga Nailza e eu na disciplina Educação Física nas Academias.....                 | 34 |
| Figura 12 - Registro da VII CORRIDA UNIVERSITÁRIA.....                                               | 35 |
| Figura 13 - E. M. E. F. Madre Maria Viganó .....                                                     | 39 |
| Figura 14 - Viagem para o município de São Caetano de Odivelas.....                                  | 40 |
| Figura 15 - Notas Sigaa .....                                                                        | 40 |
| Figura 16 - Geplises ministrando Oficina de Libras no Sesc Castanhal .....                           | 53 |
| Figura 17 - Apresentação de trabalho modalidade Oral/Sinalizada no VII CBEE .....                    | 54 |
| Figura 18 - Foto com a Autora Cristina Lacerda Na UFSACar .....                                      | 54 |
| Figura 19 - Organização de Materiais para o Projeto .....                                            | 55 |
| Figura 20 - Geplises no 16 anos da lei de libras UFPA-castanhal .....                                | 55 |
| Figura 21 - Ministrando junto Com Carlos Dyeggo Jogos adaptados para pessoas com<br>deficiência..... | 56 |
| Figura 22 - Geplises na Formatura do Curso de Libras.....                                            | 56 |

## SUMÁRIO

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO .....                                   | 11 |
| 1.1 Objeto da Pesquisa.....                           | 11 |
| 1.2 Problema e objetivos da pesquisa .....            | 11 |
| 1.3 Justificativa do trabalho .....                   | 11 |
| 1.4 Aspectos metodológicos .....                      | 11 |
| 1.5 Organização do trabalho .....                     | 12 |
| 2. UMA VOLTA NA EDUCAÇÃO BÁSICA .....                 | 13 |
| 2.1 Infância: mudança de paradigma .....              | 13 |
| 2.2 Ensino Fundamental: novas experiências .....      | 20 |
| 2.3 O Ensino Médio .....                              | 26 |
| 3. O INGRESSO NA UNIVERSIDADE .....                   | 29 |
| 3.1 Primeiro Semestre.....                            | 31 |
| 3.2 Segundo Semestre.....                             | 33 |
| 3.3 Terceiro Semestre .....                           | 35 |
| 3.4 Quarto Semestre.....                              | 36 |
| 3.5 Quinto Semestre.....                              | 37 |
| 3.6 Sexto Semestre.....                               | 38 |
| 3.7 Sétimo Semestre.....                              | 40 |
| 3.8 Oitavo Semestre .....                             | 40 |
| 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS .....                | 41 |
| 4.1 Duas vidas em uma .....                           | 42 |
| 4.2 Ser surdo na educação básica: os desafios .....   | 43 |
| 4.3 Ensino superior: novos caminhos .....             | 45 |
| 4.3.1 Relação aluno surdo x Professor .....           | 47 |
| 4.3.2 Relação aluno surdo x Intérprete de Libras..... | 49 |
| 4.3.3 Relação aluno x Turma .....                     | 51 |
| 4.3.4 Relação aluno x Projeto.....                    | 52 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                          | 57 |
| REFERÊNCIAS .....                                     | 58 |

## **1. INTRODUÇÃO**

Diante da tarefa de relembrar o meu processo educacional, encontrei um desafio assombroso que nunca havia parado para refletir e logo, não havia percebido o quanto é difícil e desafiador relembrar o meu trajeto sendo fiel aos acontecimentos sem omitir partes importantes.

### **1.1 Objeto da Pesquisa**

Relatar a importância do contexto universitário, na minha trajetória enquanto aluna Surda; pois o ingresso no ensino superior é desafiador para todos os jovens, adaptação da vida acadêmica como também as obrigações impostas fazem com que tenhamos novas responsabilidades no dia a dia, novos objetivos, assim como também novas barreiras, que de acordo com o processo de vivência podemos ter sucesso ou retrocesso.

### **1.2 Problema e objetivos da pesquisa**

Este trabalho apresenta como problemática as percepções sobre a trajetória no curso de educação física da Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal, abordando especificamente os meus relatos de experiência e vivência enquanto aluna Surda.

As indagações que organizaram a possibilidade deste trabalho foram as seguintes: Quais os desafios enfrentados pelo indivíduo na transição de identidade ouvinte para identidade Surda no âmbito Familiar, Social e Educacional? Quais dificuldades educacionais precisaram ser contornadas no ingresso ao contexto universitário? E para chegar a possíveis respostas dessas indagações, buscarei relatar aqui toda minha trajetória de ensino.

### **1.3 Justificativa do trabalho**

O crescimento da exclusão social despertou a atenção da sociedade para as questões de inclusão, o que refletiu na construção de uma educação inclusiva e o contexto acadêmico é uma das áreas cada vez mais procuradas por pessoas com deficiência, esse presente trabalho procura mostrar quais intervenções foram feitas para a inclusão de uma aluna Surda no ensino superior, assim como também explicitar suas barreiras e progressos na universidade.

### **1.4 Aspectos metodológicos**

Este trabalho trata-se de um estudo autobiográfico por dentro da vivência de formação universitária de uma aluna do curso de Educação Física da UFPA no Campus de Castanhal-PA

a partir de uma narrativa de fatos marcados na transição de identidade ouvinte para a identidade surda, em relação com suas projeções de vida no meio Social, Profissional, Familiar e pessoal.

Segundo Bueno (2002), fazendo referência a Nóvoa (1992) os estudos com histórias de vida ganharam força no final do século XX, particularmente final dos anos 1980 e início dos anos 1990 e ampliaram suas produções no século XXI. São estudos que mergulham na vida de alguém para tratar de educação, seja do ponto de vista da formação, das políticas, percursos profissionais, carreira, identidade, etc. Significa dizer que por meio desses estudos é possível tratar de questões que vem sendo discutidos a partir de outros caminhos. Portanto, se dá a partir de um duplo processo, que ao mesmo tempo é retrospectivo e prospectivo.

[...] a pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória”. Na medida em que adotamos a autobiografia e as narrativas, consequente a memória será a base para produção dos dados. (ABRAHÃO, 2003, p. 80)

### **1.5 Organização do trabalho**

Esse trabalho busca apresentar a minha trajetória educacional desde a minha infância, na educação básica, relatando sobre minha infância, o ensino fundamental e depois o ensino médio. Posteriormente o ingresso na universidade, dividido por semestres até a conclusão do curso de licenciatura em Educação Física. Após estes relatos, apresento uma análise e discussão de dados. E finalizo com as considerações finais.

Dentro os inúmeros desafios que abordarei aqui, posso destacar o fato de ter nascido ouvinte e posteriormente ter adquirido a surdez, que resultaram em enfrentar novos desafios como barreiras sejam elas atitudinais, comunicacionais, assistivas entre outras, tais como problemas advindas de docentes, colegas de sala, espaço-social, recursos, intérpretes de Libras culminando em uma crítica a acessibilidade da universidade.

Descrevo também as dificuldades e desafios que vivenciei durante todos os momentos de minha vida acadêmica, para só então poder ter tido uma visão diferenciada de conhecimento de mundo e assim, ampliar novos horizontes, novos conhecimentos para futuras experiências como profissional. aceitação pessoal e familiar, me levando a um encontro com uma identidade até então desconhecida.

## 2. UMA VOLTA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Escrever sobre minha trajetória não é uma tarefa tão simples, pois eu posso afirmar que tive o que muitos podem chamar de “infância desafiadora”, nunca havia parado para refletir o qual especial e diferenciador foi a minha educação, enquanto redijo, as lágrimas descem, pois, recordar um percurso cheio de dificuldades e desafios, se torna um ato doloroso e que me trazem lembranças não muito agradáveis, mas que me trouxeram até aqui, e se constituem como parte da minha personalidade.

### 2.1 Infância: mudança de paradigma

Começo então pela minha infância, onde recordo que a minha mãe sempre exerceu a função de dona de casa e meu pai exercia a profissão de caminhoneiro. No ano de 1995 no município de Belém-PA, nasci, sou a primeira filha deste relacionamento, nasci ouvinte e consigo imaginar a alegria de ambos por ter uma filha como muitos chamam de “normal”, embora eu prefira usar o termo “sem deficiência”. No ano de 1999 ingressei meus estudos em uma escola particular, na qual fiz os níveis maternal, jardim I e II e alfabetização. Lembro-me de cantar muito, ganhar medalhas como melhor aluna na sala de aula, recordo-me ainda de falar que quando eu crescesse eu seria uma médica.

Figura 1 - Foto Primeiro dia de aula



Fonte: Acervo da autora

No ano de 2002, aos sete anos, residia no bairro Curuçambá – Ananindeua-PA estava concluindo a alfabetização, era o mês de setembro. No dia 06 de setembro um sábado desse mesmo ano, eu estava em casa, durante a tarde comecei a ter febre com 39 graus, então eu e minha família fomos dormir na casa da minha avó paterna Inês, minha mãe me deu medicação anti-inflamatória para que a febre pudesse baixar, pois também apresentava sintomas de gripe.

Após a realizada a medicação apresentei melhoras, passei a noite bem, sem indícios de febre. No domingo no dia 07 de setembro aconteceria o desfile escolar anual, como eu estava “bem” então fomos para o desfile. No desfile fui selecionada para segurar a Faixa da escola, fiquei muito alegre.

Figura 2- Foto Desfile 07 de setembro 2002



Fonte: Acervo da autora

Porém antes que acabasse o desfile a realidade veio, eu de fato não me encontrava muito bem, recordo-me de me sentir fraca, e provavelmente febril, lembro-me da minha mãe me dando apoio durante o desfile. Pela figura 3, a seguir, pode-se perceber em minha fisionomia que estava indisposta, e não se tratava de uma criança chateada por estar fazendo algo desagradável, mas sim devido a minha condição de saúde.

Figura 3 - Foto me sentindo indisposta



Fonte: Acervo da autora

Depois do desfile formos para casa da vovó, a febre havia voltado e então tomei novamente a medicação. Na segunda-feira dia 08 de setembro minha mãe me levou ao pediatra nesse mesmo dia havia aparecido algumas manchas pelo meu corpo, o pediatra deu o diagnóstico de Sarampo e me mandou fazer o tratamento em casa com a medicação receitada por ele; durante o tratamento não houve melhoras, a febre não baixava.

Na noite de segunda para terça-feira (09 de setembro) passei muito mal, minha mãe passou a noite as claras comigo, eu sempre pedindo muita água a febre estava muito alta.

Na terça-feira pela manhã a febre ainda não havia passado, continuava tomando a medicação pois o médico havia diagnosticado como sarampo. Às 3h da tarde, minha avó saiu, minha tia Socorro também. Nesta tarde minha mãe ficou comigo, minha irmã Sarah e minha Prima Glenda; eu me encontrava muito mal quando a minha mãe me tocava ela não sentia febre, a febre já havia passado para o nível interno, era uma tarde muito chuvosa, quando de repente eu comecei a ter convulsões, minha mãe não tinha conhecimento do que era convulsão então entrou em estado de desespero, ela abriu a porta da casa saiu para rua pedindo ajuda, ligou

para o meu pai que estava trabalhando, deixou o recado para que ele viesse para casa pois eu estava segundo ela “morrendo”, novamente ela saiu para a rua pedindo ajuda para quem tivesse um carro para poder me transportar até o hospital, então um vizinho se disponibilizou em me levar, embaixo de muita chuva, naquela tarde me colocaram dentro do carro, me levaram às pressas para o Hospital e Maternidade Frei Daniel de Samarate, Localizado na Travessa Sn 21 18, em Ananindeua-PA.

Figura 4 - Foto Hospital Frei Daniel de Samarate



Fonte: Google imagens

Na chegada ao Hospital o Motorista me pegou no colo e subiu para o pronto Socorro, o médico pediu que me colocasse na maca, minha mãe conta que a impressão de que eu passava era de já ter perdido a vida, não reagia de modo algum, o médico pediu que me levassem para outra sala. Na sala quando me colocaram na cama minha mãe saiu de perto; minha mãe sendo evangélica foi para uma janela que tinha no quarto e lá ela começou a orar a Deus, colocar aquela situação nas mãos de Deus, pois ela não podia mais fazer nada.

Os médicos e enfermeiros cercaram a cama do quarto e começaram os procedimentos para me reanimar, nesse instante minha mãe olhou pra mim e eu já tinha a fisionomia de um cadáver e os procedimentos de reanimação continuavam.

Nesse momento minha Tia Socorro, entrou no quarto e disse para a minha mãe descer para a sala de espera, que meu pai estava no hospital e queria falar com a mamãe. Os médicos continuavam com os esforços incansáveis para que eu reagisse, em um momento os médicos e enfermeiros pararam com a reanimação, o médico responsável olhou para a minha tia que estava na sala e disse: - Olha nós perdemos a Rebeca.

Minha tia em estado de desespero disse: - Não Jesus! a Rebeca não!

Naquele momento dentro de segundos eu dei um suspiro, um sinal de vida, quando os médicos viram que eu reagia, eles começaram os procedimentos para a intubação orotraqueal<sup>1</sup> durante este procedimento foi extraído um líquido preto do meu organismo, na qual não irei aprofundar seu conceito aqui.

Minha fisionomia já era melhor, porém a febre não abaixava, uma enfermeira se dirigiu a minha mãe e disse: -Mãe nós vamos cobrir a Rebeca com lençóis só iremos deixar o nariz dela do lado de fora, você irá pegar esses baldes de água que estão aqui e irá jogar nela até perto do nariz; foram muitos baldes de água jogados em cima de mim para que a febre pudesse baixar. Em certo momento a febre deu sinais de baixa, então me levaram para o quarto onde passei as noites tendo convulsões, pois as enfermeiras não conseguiram encontrar minhas veias para aplicar o soro.

Pela manhã o médico foi me ver e ficou apenas me observando, sem nenhum diagnóstico, apenas me observava, começaram coletas de sangue para fazer exames médicos, o médico disse para a minha mãe que eu deveria fazer um exame de raio-x, então minha mãe e minha tia me colocaram em uma cadeira de rodas, nesse momento minha mãe percebeu a gravidade do meu estado de saúde, pois aparentava estar em modo vegetativo e assim me levaram para a realização do exame. Pela tarde o médico ainda não tinha um diagnóstico para dar, mas estavam suspeitando que eu estivesse com meningite<sup>2</sup>, mas até aquele momento estava sem tomar um soro, medicações só por via oral para abaixar a febre. Meu pai chegou no hospital e o médico disse que deviam me tirar de lá pois eles não tinham especialização suficiente para o meu caso e a possibilidade era de que eu iria morrer ali naquele hospital. Então meu pai me pegou e me levou para outro hospital o Hospital Materno Infantil Mamaray.

No hospital me levaram direto para a UTI, onde eu passei 17 dias, o que meus pais se lembram e me relataram: meu corpo deteriorou, lábios secos, descamação da pele; os médicos tiveram que fazer uma mini cirurgia no meu braço direito para me aplicar três soros de uma só

---

<sup>1</sup> é um procedimento no qual o médico insere um tubo desde a boca da pessoa até à traqueia, de forma a manter uma via aberta até o pulmão e garantir a respiração adequada. Trecho retirado do site Tua Saúde. Disponível em: <http://encurtador.com.br/nFSV4>

<sup>2</sup> É uma doença atinge o sistema nervoso, caracterizada por um processo inflamatório que atinge a membrana que envolve o cérebro e a medula espinhal das pessoas. Mais frequentemente é ocasionada por vírus ou bactéria. É importante pela severidade de alguns casos que podem evoluir a óbito ou a um dano no cérebro mais grave deixando sequelas. Trecho retirado do site saude.pr.gov.br/ Disponível em: <http://encurtador.com.br/fyDE4>

vez, então começaram os procedimentos para exames e no decorrer dos dias eles obtiveram os resultados e deram o diagnóstico que eu estava com Síndrome de Kawasaki.<sup>3</sup>

A síndrome recebe esse nome em virtude de seu descobridor segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria<sup>4</sup>, o dr. Tomisaku Kawasaki um pediatra japonês que foi o responsável por observar pela primeira vez, em 1961, os sintomas inexplicáveis em um menino de quatro anos. A criança tinha febre alta com conjuntivite, erupção cutânea no corpo e língua cor vermelho-framboesa. Depois, ele encontrou 50 casos semelhantes, dos quais publicou uma descrição científica, em 1967.

Esta doença lesionou áreas de meu cérebro, além de ficar paraplégica, ou seja, perda total dos movimentos dos membros superiores e inferiores, por um breve período, os médicos diziam que provavelmente eu não sobreviveria; felizmente estavam equivocados, eu sobrevivi, mas fiquei com sequelas ao sair do hospital como: a perda de movimentos motores como o andar, a escrita, a fala e por fim a deficiência auditiva em ambos os ouvidos.

Com a mudança de um paradigma totalmente diferente do anterior, agora era uma criança Surda. A minha família era a principal responsável pelo processo de adaptação com o meio social; meu convívio com a família era bom, meus pais se adaptaram para interagir de forma calma e tranquila para que eu pudesse entender, fatos que contribuíram para a educação em casa, comportamento e construção do caráter pessoal. O amor, o afeto, a compreensão da minha família foram essenciais para a adaptação na socialização, porém houve muitas dificuldades para lidar com a deficiência, a família tinha uma visão patológica sobre a surdez devido a consultas com otorrinolaringologistas, assistentes sociais e falta de conhecimento.

Foi um processo doloroso para minha família lidar com uma situação completamente nova. Ao sair do hospital não estava apta à retornar para a escola, por esse motivo para que eu não saísse prejudicada no período final do ano letivo, as professoras enviavam minhas atividades escolares para que eu pudesse fazer em casa, porém, essas atividades não eram adaptadas, eu estava no processo de alfabetização e devido a doença tive um retrocesso nas

---

<sup>3</sup> A DK (doença de Kawasaki) é uma vasculite sistêmica, que afeta principalmente artérias de tamanho médio, embora artérias, capilares e veias pequenas e grandes também sejam afetadas. O envolvimento da artéria coronária é frequente, sendo o mais impressionante, pois pode causar infarto do miocárdio.” (PREGO PETTIT; JAVIER, 2003, 74: 99-113.)

<sup>4</sup> Informação retirada do site SBP. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/morre-aos-95-anos-pediatra-que-descobriu-a-doenca-de-kawasaki/>

atividades, e isso acontecia devido à falta de conhecimento dos professores, lembro-me que depois que havia saído do hospital tinha esquecido completamente tudo no que se referia a alfabetização, atividades eram de introdução a leitura, atividades essas que já havia realizado ao início do ano letivo. Estávamos no fim do mês de setembro e como fazia aniversário em outubro a minha família junto com as professoras fizeram uma comemoração do meu aniversário no dia 25 de outubro, foi um dia especial, primeira vez que eu voltava a escola, via meus colegas depois de uma longa recuperação.

Figura 5 - Comemoração na escola dos meus 7 anos de idade



Fonte: Acervo da autora

Figura 6 - Foto com as minhas Professoras



Fonte: Acervo da autora

Uma comemoração, mas devido a doença precisei recomeçar o processo de leitura novamente, recorde-me da minha professora me chamando antes de acabar a aula para ler o livro, certificando-se que eu realmente me alfabetizasse antes de acabar o período letivo, minha mãe me incentivava a ler e a escrever em casa, assim fui realizando as atividades de alfabetização e ao final do ano letivo fui à colação de grau e assim concluir a alfabetização.

Figura 7 - Foto da Minha Colação de Grau



Fonte: Acervo da autora

## 2.2 Ensino Fundamental: novas experiências

Segundo Quadros (2000) a deficiência não é um problema da pessoa que a tem, mas sim de quem a vê. Isto é de suma importância, pois a problemática que envolve esses indivíduos está intimamente relacionada com o preconceito e a aceitação dessa condição. Esse fato ocasionou no conhecimento tardio de direitos sobre o indivíduo Surdo para mim.

Com a mudança de nível de ensino, já na primeira série (atual 2º ano) houve também a mudança de escola, pois a escola que eu estudava fechou. Meus pais me matricularam em uma nova escola Centro Educacional Fonte do Saber localizado na Avenida Rio Solimões Qd 32, 15, Prox A Feira Maguari Ananindeua - PA

Figura 8 - Centro Educacional Fonte do Saber



Fonte: Google Imagens

A nova escola era um ambiente completamente novo, colegas, professores, pessoas novas para conhecer um desafio a enfrentar no momento da matrícula lembro-me que a escola perguntou aos meus pais se eu recebia algum atendimento especializado eles respondiam que não que eu nunca precisei, que não ia ser preciso pois eu entendia tudo é só precisavam falar “devagar” a direção oferecia o atendimento especializado para eles, mas eles não aceitavam falavam que eu não precisava desse atendimento apenas esclareciam que precisava apenas que falassem de uma forma mais clara apenas isso.

Devido à falta de comunicação adequada encontrei barreiras como: ditados constantes nas atividades escolares estava no processo pós alfabetização então os ditados era frequentes, na maioria das vezes os professores pediam que eu sentasse ao lado de algum colega para copiar o que ele escrevesse por vezes tentava fazer o ditado sozinha e algumas complicações surgiam: lembro-me da professora ditando a palavra *inverno* e devido à dificuldade de compreensão no ato de ler os lábios dela, e confundi a articulação das letras e escrevi em meu caderno a palavra *inferno*, quando a professora viu, prontamente me repreendeu, sendo assim utilizavam o método mais fácil que era me fazer copiar de outros alunos que também estavam no mesmo processo de ensino aprendizagem.

Preconceitos por parte dos colegas, eles me viam como indiferente não gostavam que eu me sentasse ao lado deles e por esse motivo meus círculos de amizades dentro da escola sempre foi muito limitado e os estudos ocorriam sem um auxílio adequado, sem adaptações, minhas atividades eram iguais dos colegas ouvintes, as provas não eram adaptadas.

Como era criança, ainda não tinha a concepção do significado de preconceito, eu tinha dificuldades na fala, e confundia as letras, foi então que eu passei a copiar do caderno dos coleguinhas.

Isso me incomodava profundamente, pois fui percebendo certa dependência, sem falar que alguns colegas de classe não gostavam de sentar-se ao meu lado para me ajudar, era difícil fazer amizades, eu tinha vergonha de andar sozinha, tinha medo. Foi ali que tive minhas primeiras noções do que era exclusão social.

Aconselharam meus pais a me levarem no fonoaudiólogo para que eu pudesse aprender a leitura orofacial/oralização<sup>5</sup> melhor, para aprender a diferença das letras através da leitura

---

<sup>5</sup> Conhecida como leitura labial ou leitura da fala, consiste na interpretação visual da comunicação de um falante através da decodificação dos movimentos dos lábios e das expressões fornecidas pela contração dos músculos da face. É utilizada por uma parcela dos surdos e surdo-cegos. Disponível em: <http://encurtador.com.br/giosO>

labial, lembro-me de adorar os brinquedos que a fonoaudióloga tinha, gostava das aulas, das atividades, meu aprendizado estava evoluindo pois ali eu sentia que era um ensino especializado de acordo com a minha necessidade.

Como minha família ainda não tinha conhecimento sobre a cultura surda, então uma possível solução, foi eu aprender a leitura labial. A leitura labial veio naturalmente, foi um modo de sobrevivência que desenvolvi, não sabia libras, minha família não aceitava a surdez o que dificultava tudo, pois Segundo Sacks (1998, p. 15) a “leitura labial é um termo bastante inadequado para designar a complexa arte de observação, inferência e adivinhação inspirada dessa tarefa”.

Nesse mesmo tempo, meus pais passaram a me levar em sessões com fonoaudiólogos, porém, as sessões não duraram muito devido a incompatibilidade de tempo, as sessões eram realizadas no horário de 12:00 ia sempre depois das minhas aulas escolares, eu dependia da minha mãe para me levar porem devido aos choques de horário, meios de transporte, foram ficando cada vez mais difícil de frequentar as sessões. O fato de já ter sido ouvinte, já saber oralizar, estar alfabetizada e conhecer a estrutura básica das palavras, junto com o auxílio das sessões de fonoaudiologia me ajudaram a compreender o que era dito eu passei a desenvolver a habilidade na leitura labial, mas esta nunca foi cem por cento.

Minha família foi procurar ajuda e sem conhecimento e foram aconselhados para que a me levassem no otorrinolaringologista onde este indicou que eu deveria usar aparelho auditivo externo (AASI) e assim eu poderia voltar a ouvir então começou uma rotina constante de exames, ressonância magnéticas, mapeamentos cerebrais, consultas com otorrinolaringologista, assistentes sociais, neurologistas.

Figura 9 - aparelho auditivo externo (AASI)



Fonte: Google Imagens

Depois de um longo período tentando ganhei dois aparelhos (visto que a minha família não possuía condições de arcar com as despesas), fiz todos os exames e então chegou o dia em que coloquei o aparelho. Como toda família assim que coloquei logo perguntaram:

-Ouve alguma coisa?

- Um pouquinho só. Eu respondia

Aumentaram no máximo volume a percepção do som aumentava, mas não conseguia distinguir de onde vinha o som. A minha família achava que o aparelho não estava fazendo efeito e então começou mais um processo de exames para que eu pudesse trocar o aparelho e ter outro aparelho com um grau maior de volume. Trocado o aparelho coloquei-os, como resultado não ouvia, continuava apenas a percepção dos sons, mas não me acostumei visto que não tive uma boa adaptação com o aparelho isso porque minha família motivada pela ideia de que eu voltaria a ouvir usava o aparelho no volume máximo e então tudo era muito novo, eu não estava preparada para aquele novo ambiente cheio de sons não me adaptei e então parei de usar o aparelho.

Na 2º série mudei novamente de escola e mais um desafio novo a enfrentar, ambiente novo, professores, e mais uma vez não tive contato com adaptações nas atividades isso por seis anos consecutivos no ensino fundamental; tive muitos problemas no decorrer desses anos com atividades, por não compreender os conteúdos e não conseguir explicar os trabalhos, problemas relacionados à interação com os colegas, era muito excluída, trabalhos em equipe não conseguia fazer, não tinha opinião, me chamavam de surdinha, mudinha, sofria bullying na escola.

Até a quarta série do ensino fundamental eu estudei no período da manhã, estudava longe de casa em um bairro que era considerado suburbano, devido as dificuldades de locomoção nos mudamos para uma casa alugada mais próximo da escola, no seguinte ano letivo já na quinta série passei para o turno da tarde e mais a experiencia de se adaptar a esse turno, visto que tinha pouca disposição no início para frequentar as aulas mas com a passar dos meses me adaptei, lembrando sobre a quinta série como uma fase de transição do ensino fundamental menor para o ensino fundamental maior. Um fato importante que me recordo da quinta série foi a experiencia com meu professor de matemática, era um novo professor a metodologia dele não era inclusiva mais lembro-me de eles usar estratégias adaptativas( como evitar explicar de costas já que eu fazia leitura labial, perguntar se eu tinha entendido, caso não, ele explicaria de novo) o dialogo também foi essencial nessa fase para mim visto que o professor tinha a preocupação de que eu sáísse da sala entendendo o assunto, lembro-me que quando eu não conseguia fazer o dever de casa ele tirava alguns minutos da aula para me explicar o assunto

para que então eu pudesse compreender a atividade melhor visto que o mesmo assunto seria cobrado em sala de aula.

Na quinta série, passei a estudar no período da tarde, a disciplina que mais apresentei dificuldade foi na matemática já com outro professor ministrando e no português, lembro-me de ter feito várias recuperações nessas duas matérias; em história, geografia, ciências eu tinha notas altas visto que eu gostava de ler os livros, já na matemática e português eram disciplinas que não bastavam ler eu precisava colocar em prática com os exercícios, fala, aprender as frações, equações. Dois pontos que dificultaram essa aprendizagem foram: meus pais não tinham conhecimento para me ajudar a aprender e em casa era por minha conta eu ler os livros, resolver os exercícios.

Eu: Mãe me ajuda aqui que eu não estou entendendo

Mãe: minha filha deixa eu ver aqui.... eu também não estou entendendo nada, pergunta para o seu pai quando ele chegar.

Eu: Pai... pode me ajudar com esse exercício?

Pai: Deixa eu ver..... não entendo também

Mãe: Minha filha faz um seguinte, amanhã você fala para a professora que não conseguiu fazer e peça pra ela lhe ensinar.

Era muito complicado, meus pais não tinham conhecimento adequado para me ajudar com as tarefas de casa visto que ambos pararam os estudos no ensino fundamental então na escola era considerado que alunos que traziam atividades de casa eram considerados os “alunos perfeitos”, quem fazia o dever de casa ganhava meio ponto, o que contribuía para as notas altas no fim de ano, dado esse fator quando chegava na sala de aula eu pedia a resposta para algum colega, eu sentia muita vergonha não me importava se estava certa ou errada, o importante para o professor não era a resposta está certa, mas o aluno ter feito o dever, foi uma adversidade constante em todo meu período escolar tanto fundamental, médio e superior, isso sempre me frustrou, prejudicou porque eu queria aprender também, mostrar que eu era capaz e uma boa aluna.

Na sexta série do ensino fundamental as dificuldades continuaram as mesmas, atividades não adaptadas; a relação com os professores junto com as barreiras no ensino não tiveram alterações em relação a quinta série, visto que na maioria das disciplinas os professores continuaram os mesmos que lecionavam na quinta série, a única disciplina na qual me recordo a mudança de professor foi a disciplina de matemática no entanto a dificuldade de aprendizado continuou a mesma, a falta de acessibilidade comunicacional, Sassaki (2009) define como

barreiras na comunicação entre pessoas, ou seja, sobre as diferentes maneiras de expressão e transmissão de informação, seja na comunicação face-a-face, na escrita, entre outros. (SASSAKI, 2009).

Na sétima série foi um ano de constantes mudanças, minha família estava passando por problemas financeiros e não foi possível terminar o ano letivo nessa mesma escola; só fiz até a segunda avaliação só metade do ano letivo e logo em seguida nos mudamos para o Município de Santa Maria do Pará no dia 15 de setembro de 2009, no mês de outubro.

Santa Maria do Pará é conhecida por ser um município onde 90% das escolas são públicas e visto que estávamos com problemas financeiros meus pais não tinham condições de pagar uma escola privada, no mês de outubro fomos na E.E.E.F.M João Gabriel da Silva me matricular, porém ao chegar lá a diretora explicou que o processo de matrícula não funcionava assim todo início de ano tinha um período para realizar rematrícula e matrícula de alunos novos, ficamos apreensivos pois o objetivo era com que eu não perdesse o ano letivo e diante dessa situação eu perderia. No entanto a diretora muito prestativa verificou a turma da sétima série e disse que era possível que eu ingressasse nesse mesmo ano sem perder o ano letivo, lembro-me de perguntarem aos meus pais se eu precisava de atendimento especializado, interprete e meus pais afirmaram que não pois pela visão deles, e experiência das séries anteriores não tive interprete, como não tive um atendimento diferencial, e sabia leitura labial não era necessário ter um interprete ou atendimento especializado.

Entre as barreiras que eu teria que enfrentar ao ingressar na escola estava: eu não havia feito a terceira avaliação da sétima série e as minhas notas não da primeira e segunda avaliação não eram suficientes para que eu alcançasse a média anual para passar de ano e cursar a oitava série, novo ambiente, precisava me adaptar também. Diante disso os professores aceitaram passar trabalhos para que eu pudesse ter nota da terceira avaliação e posteriormente fazer a quarta avaliação e fechar as notas do ano letivo para poder cursar a oitava série, iniciou-se a transição de uma escola privada, para uma escola pública. Ao final do ano houve um fato: fiquei com nota vermelha na disciplina de matemática, ficando assim em dependência para o próximo ano letivo.

No ano de 2010, cursava a oitava série no período da manhã e pela tarde fazia dependência de matemática com a turma da sétima série, as aulas ocorriam nos dias de quarta e quinta, foi um ano exaustivo pelo fato de não me adaptar a rotina das aulas de matemática visto que estudava de manhã saía 12:00 e de tarde 13:00 devia estar de volta na escola, só ia em casa almoçar, me arrumar e voltar, faltei muitas aulas pois era dominada pelo cansaço e o

caminho de casa até a escola era longe e eu não utilizava transporte para locomoção. Diante dessas faltas constantes na escola houve momentos em que o professor ficou preocupado pois me disse que por faltar eu poderia tirar notas baixas junto com a possibilidade de não passar de ano. Então me dediquei a ser mais presencial nas aulas, em relação ao ensino tanto no período da manhã (oitava série) quanto no período da tarde (sétima série) o ensino foi difícil, desafiador, não tive atendimento especializado, não tinha interprete.

As aulas de educação física quando estudava em escola privada eu era mais participativa me sentia mais incluída, 98% das aulas eram práticas, lembro de uma vez em que a professora pediu que formássemos par para sentir a pulsação do outro colega e eu disse:

Eu:- Mas professora eu não escuto.

Professora: -Mas você sente. Não é?

Eu: - Sim.

Professora: - Então vamos lá.

Essa situação marcou pra mim pois a professora me motivou a participar da atividade e superar as dificuldades.

Na escola pública as aulas se dividiam em aulas práticas e aulas em sala de aula tinham a flexibilidade de trocar a participação de aula pratica, por trabalhos a serem entregues, cheguei a participar poucas vezes das aulas práticas o professor de educação física era o mesmo de todas a series; alunos que estudavam pela manhã as aulas práticas era no turno da tarde, e os que estudavam a tarde as aulas eram pela manhã. Eu não gostava daquele professor ele não fazia um esforço para tornar a aula mais acessível pra mim, e eu era a única aluna PCD da turma. Fazer a leitura labial era horrível, eles explicavam de costas, quando eu não entendia, ele pedia para as minhas colegas de classe me explicar, sentia que ele me evitava, ele tinha uma flexibilidade imensa para trocar as minhas aulas práticas por trabalhos a serem entregues o que me levava a desconfiar. Eu não tinha prazer, ou uma motivação de participar das aulas práticas. Jogos internos não participei de nenhum em todos os anos letivos que estudei na escola pública. Lembro- me de chegar em casa muito frustrada com esse professor, pois que não explicava de um modo que eu pudesse entender e eu sempre tinha que recorrer as minhas colegas e eu me e sentia muito humilhada.

### **2.3 O Ensino Médio**

Desde a educação básica até o ensino Médio, foram fases educacionais marcadas por inúmeros desafios e barreiras a principal delas foi a barreira atitudinal, que segundo Sassaki

(2009, p. 41) está “relacionada a eliminação de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações, promovendo atividades de sensibilização, conscientização e convivência.”

Haja visto que enquanto estudante do ensino regular tive muitos professores que me aprovaram ao fim do ano letivo para que eu não repetisse de ano e eles não precisassem lidar comigo, ou trabalhar na mesma turma em que eu estava, isso se dá pela falta de interesse dos professores em adaptar as provas para mim, por quantas vezes na prova eu não perguntei uma palavra difícil para o professor, algo que ele explicou em sala e eu não ouvi? Os filmes que eram apresentados em sala e não tinham legendas, as atividades que eu não conseguia responder devido ao assunto em sala que não tinha compreendido, as cópias que fazia das atividades dos colegas e a consequência era que se eles tinham errado eu também errava, química, física, português, matemática, inglês educação física, ciências exatas eram as principais matérias que eu mais tinha dificuldade de aprender, as apresentações de trabalho que eu fazia e ficava a dúvida se o professor realmente tinha dado atenção igual aos colegas ouvintes? Em cada ano letivo eu precisava me adaptar a realidade, ao nível de ensino isso é um fato que acontece com todos os alunos, mas eu precisava me reinventar, comunicação sempre foi a principal barreira no ensino, diante desse processo de exclusão desenvolvi a vergonha, o medo, a visão de incapacidade por ser surda, não gostava de falar com pessoas nas quais eu não estava acostumada, eu não conhecia meus direitos, não sabia que existia o respeito pelas diferenças, mesmo com os inúmeros desafios tive colegas de turma que me ajudaram com informações e trabalhos.

O ensino médio foi um período de grandes desafios, as dificuldades que tinha no ensino fundamental se agravaram nesse período escolar tais dificuldades de aprendizado eram em ciências exatas como: matemática devido que o professor explicava de costas sendo que só recebia informações da matéria através da leitura orofacial então ficava prejudicada sem ter a compreensão adequada para a aprendizagem do assunto dado pelo professor; na física e química; meu aprendizado era comprometido por não saber adequadamente as formulas específicas para cada problema, equação.

Na literatura era muito difícil compreender a escrita e fazer interpretações de textos principalmente no que se referia às leituras obrigatórias do ENEM naqueles respectivos anos. Sem saber como resolver atividades para casa eu colava dos colegas o importante era ter o visto do professor e ter boas notas e passar para o próximo ano letivo, mas eu não me sentia merecedora dessas notas principalmente naquelas que eram difíceis para mim.

Matérias nas quais me destaquei história, geografia, sociologia as matérias relacionadas com leituras, apesar das dificuldades, das informações perdidas eu estudava em casa duas vezes mais que o normal para que pudessem recuperar informações que não tinha acesso durante as aulas. Lembro-me de passar horas a fio no cyber pesquisando palavras que eu não sabia o significado, para que pudesse ter boas notas. E educação física? Não gostava de participar das aulas práticas por não entender o professor e fazer as atividades errado, mas eu queria aprender imaginava como seria se eu pudesse participar também então para não lidar com o bullying dos colegas não fazia as aulas práticas o professor negociava as aulas com trabalhos escritos eu aceitava assim parecia melhor p mim visto que o professor não era muito prestativo. Estando no ensino médio outros desafios a serem enfrentados: o vestibular

Tentei passar no vestibular por dois anos, no primeiro ano em 2013 estudava o 3º ano do ensino médio pela manhã, e no turno da noite fazia um curso preparatório para o vestibular, no cursinho era a mesma situação comparado á escola: sem adaptações, sem contato com a libras e sem oportunidades de um ensino especializado, lembro-me das inúmeras xerox de apostilas e exercícios que não consegui interpretar e resolver, ali no cursinho era complicado eu tinha vergonha de disser que era surda, queria parecer “ normal” que nem os outros colegas, por isso não comunicava a minha deficiência aos professores, alguns não sabiam, outros tinham conhecimento por parte dos meus colegas que informavam , eu ainda não aceitava a minha surdez. Nesse primeiro ano prestando vestibular não passei, foi difícil, por algumas vezes cheguei a concluir que não era capaz de prestar uma universidade, que não merecia, minha família não teve uma boa reação frente a esse resultado negativo, por vezes diziam que eu tinha estudado pouco, chegou em um momento me disseram que tinham “desprezo” por mim por não ter passado, nesse mesmo ano conclui o ensino médio.

No ano de 2014 voltei a fazer o mesmo curso preparatório para o vestibular, passei a ler todos os livros que tinha em casa do ensino médio, pesquisando, anotando, tentando entender cada problema, equação que não tinha aprendido, foi ali que eu tive uma percepção de que não tinha aprendido muitas coisas, que começaram a fazer falta no meu aprendizado, uma delas foi a redação era difícil entender a estrutura, introdução, desenvolvimento, passei a fazer diversas tentativas com os mais variados tipos de assuntos para pôr em pratica essa habilidade ,que precisava ser aprimorada. Então chegou o dia da inscrição do Enem fui me inscrever, apesar de estar ciente que eu não tinha conhecimento com a Libras, escolhi a sala com atendimento especializado com a opção “leitura labial” então prestei o Enem mais uma vez, com interprete

na sala no dia da prova, foi uma prova tranquila, naquele ano o tema da redação foi “Publicidade Infantil em questão no Brasil.

No ano de 2015 começaram os processos seletivos, minha vontade sempre foi fazer Nutrição, mas visto que eu morava em Santa Maria do Pará, e esse curso só tinha em Belém nas Universidades Federais minha família incentivou que eu escolhesse outros cursos foi então que me inscrevi em Pedagogia na UEPA de São Miguel do Pará, e em Educação Física na UFPA de Castanhal visto que eram os municípios mais próximos de casa.

### **3. O INGRESSO NA UNIVERSIDADE**

O listão de aprovados do processo seletivo da UEPA saiu no dia 12 de janeiro de 2015 como resultado, não fui aprovada e nem classificada, perdi as esperanças para ingressar em universidade, eu sentia o peso da deficiência ali naquele momento na minha concepção ingressar na UFPA era ainda mais difícil um sonho impossível, No dia 24 de janeiro desse mesmo ano saiu o Listão da UFPA não estava muito animada com o resultado, mas foi ali naquele listão que meu nome saiu, finalmente aprovada para o curso de Educação física foi no ano de 2015 passei na UFPA para o curso de Licenciatura Plena em Educação Física no Período Integral para ingressar no segundo semestre.

Figura 10 - Comemoração Caloura UFPA 2015



**Fonte:** Acervo da autora

Caloura da UFPA - CASTANHAL foram dias difíceis, pois fui a UFPA campus Castanhal várias vezes a fim de saber sobre dias de matrícula; na semana do calouro lembro-me de ter recebido informações sobre esse evento somente no último dia do evento. Visto que eu não tinha contato com a Libras, não tinha conhecimento sobre os direitos das pessoas surdas, eram as primeiras complicações de uma vida universitária.

A matrícula para o ingresso da graduação foi num dos primeiros desafios visto que era necessário passar por perícia para comprovar ser estudante PCD. O dia da matrícula foi um dia muito esperado por mim, bem preocupante também visto que precisei ter um cuidado minucioso com os documentos para a realização da matrícula, tudo deu certo, todos os documentos foram aceitos. Um fato muito importante no meu ingresso na universidade foi um e-mail enviado pelo Prof. Dr. Sergio Nassar, naquele período era diretor da faculdade de Educação Física e no e-mail solicitava meu comparecimento para uma reunião dos alunos que haviam ingressado na universidade, no dia marcado eu estava lá lembro-me que pelo fato de não conhecer ninguém ali entrei, dei bom dia, me sentei em um lugar afastado tudo era novo pra mim. Antes de iniciar a reunião percebi que ali na mesma sala tinha duas pessoas conversando em Libras, e pelo fato de já ter participado de um curso básico de Libras fiquei interessada por eles que eram a Prof. Mara Cristina e o Prof. Rubens Faro, porém eu ainda não conhecia a titularidade de professor deles então para mim eram meros desconhecidos, eu achava que eles estavam como alunos e assim transcorreu a reunião, no final me aproximei da moça (Mara) e eu de maneira oralizada e com o mínimo de contato com a Libras iniciamos o seguinte dialogo:

Eu: - oi tudo bem? Você também é surda?

MARA:-Não sou ouvinte

Eu:- Sério?

Mara: Sim, sou intérprete, mas estou acompanhando-o (Rubens) que também é surdo.

Eu: Nossa! Mesmo? Oi Rubens tudo bem?

Rubens: Oi tudo bem... seu nome?

Eu: Rebeca... Rubens você também é Aluno?

Rubens: Não ... Sou Professor de Libras da UFPA.

Fiquei impressionada na hora eu pensei Nossa! Ele é surdo? Professor? Será que eu consigo também?

Essa vivência me motivou muitíssimo pelo encontro de outro indivíduo surdo formado no mesmo nível de ensino que para mim até então parecia impossível, tivemos um longo dialogo foi o primeiro contato com um professor surdo no ensino superior.

Conheci o Laboratório de Acessibilidade – LAccess e seus trabalhos com alunos PCD's, acessibilidade e adaptação dos materiais desenvolvidos ali no núcleo, todos aqueles assuntos eram então desconhecidos para mim, foi uma experiencia muito gratificante e descoberta de novos caminhos junto a inclusão.

### **3.1 Primeiro Semestre**

Então as aulas começaram, ingressar na universidade não foi uma tarefa fácil, era um processo muito amplo de transição ainda não me aceitava como surda, não tinha conhecimento sobre a identidade, não tinha contato com a experiência profissional de surdos, apenas conhecia o preconceito e a frustração de ter que lidar com as pessoas, o medo da comunicação. Ao ingressar na universidade estava em tratamento para fazer implante coclear, ouvir ainda era a melhor opção. Mesmo já tendo visto um pouco das conquistas da comunidade surda, porém ainda não tinha a autoaceitação como sujeito surdo.

No primeiro semestre se adaptar ao meio acadêmico foi bem frustrante a vivencia nas aulas, com os colegas de turma eu percebi ali no meio que eles mantinham certa distância de mim, visto que eles já tinham percebido que eu era “diferente” e os professores o contato era difícil visto que muitas palavras formais eu não conhecia, uma delas a palavra “discente” a metodologia dos professores em explicar andando pela sala, não conseguia entender a oralização dos professores visto que fazia leitura labial para receber as informações da aula. Sobre as orientações dos professores em relação aos trabalhos, na maioria das vezes eu sempre perguntava para um colega de sala o que era necessário fazer? Não tinha confiança nos professores, meu único objetivo era ter uma graduação.

Por vezes ficava sem as informações por não querer incomodar os colegas, visto que as minhas dúvidas eram muitas eu não sabia ainda que era possível adaptar as aulas não sabia que tinha direitos da pessoa com deficiência no ensino superior. Nesse primeiro semestre o Laboratório de Acessibilidade (LAccess), hoje intitulado Núcleo de Acessibilidade (NAcess) fizeram a primeira entrevista como aluna PCD, para que eu pudesse contar minhas dificuldades financeiras, pessoais e dificuldades dentro da sala de aula me perguntaram, se eu não gostaria de ter um intérprete dentro da sala para acessibilidade nas aulas, eu recusei ainda não sabia libras mesmo já tendo cursado um curso básico de libras, tinha me esquecido dos sinais, eu não

tinha conhecimento dos direitos dos surdos e ainda não sabia da minha própria identidade como pessoa então simplesmente recusei.

Durante esse período a aprendizagem foi vaga pois já que não havia adaptação o ensino era limitado, lembro-me que as dificuldades eram bem constantes não sabia o que significa “ementa” de uma disciplina, falta de esclarecimento, as dúvidas sobre os prazos de trabalhos, provas, era constante sempre perguntava para os colegas sobre algum trabalho, um prazo, essas dificuldades eram rotineiras; o que mais me ajudou foram as apostilas isso nos textos que tinham uma linguagem mais clara, nesse semestre uma disciplina que me marcou muito dentro do campo da Educação Física foi “ases Filosóficas da Educação Física” onde eu comecei a compreender que o ser humano precisa ser autêntico, se aceitar como ele é, para poder ser livre, ter um bem estar com saúde, onde foi discutido ideologias, o verdadeiro papel da educação física na educação e não um padrão que era estabelecido pela sociedade; foi um momento que contribuiu muito para a transição com o ensino acadêmico.

Mas a disciplina que foi o ápice dessa transição foi Libras ministrada pelo professor Rubens Faro, eu me identifiquei muito porque visto que a minha comunicação era visual mesmo não tendo influencia em Libras, foi a disciplina que eu mais desenvolvi o raciocínio lógico, a percepção e o domínio dos assuntos ali ensinados, até que um certo dia o professor Rubens me chamou e perguntou se eu gostaria de ser bolsista do projeto Libras nas Universidades, que era o projeto de libras coordenado por ele, que tinha como objetivo realizar a difusão do uso da Língua Brasileira de Sinais, promovendo o aprendizado da Libras aos ouvintes como segunda língua e com isso facilitando a comunicação com pessoas surdas. Foi uma decisão difícil para mim aceitar a bolsa eu queria muito Ingressar nesse projeto, mais a minha família não aceitava viam como uma oferta feita com más intenções, sendo isso resultado da extrema autoproteção que a minha família exercia sobre mim e a falta de conhecimento também não contribuíram muito para que a minha família visse essa oportunidade como uma maneira de eu aprender; ter novas experiencias; novas vivências; ali começava o árduo processo de independência pessoal, já que eu dependia do meu pai, morava com a minha família, diante da situação comecei a mim impor como: ser maior de idade, querer ampliar meus conhecimentos, que não podiam me negar isso e então por fim eu aceitei a vaga de bolsista. Apesar de me ver sozinha em um ambiente totalmente diferente que era universidade, mas com o apoio do professor Rubens e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Língua de Sinais e Educação de Surdos (GEPLISES) eu tinha a motivação de que eu poderia alcançar meus objetivos, ter a minha independência, porque eu fui

criada em uma família tradicional que acreditava que surdez e epilepsia são patologias associadas a incapacidade.

O conceito de deficiência na concepção deles está relacionado a incapacidade, então a falta de apoio por muitas vezes eu senti tinha que eles não viam como capaz de ser uma professora, ser voluntária de projeto, e por vezes eu era pressionada a acreditar que eles só queriam o melhor para mim, eu tinha esses grandes obstáculos a ser enfrentados na minha família. Tratando-se de uma família tradicional eles estavam acostumados á ouvir que os jovens quando entram na universidade se rebelam, então o fato da conquista de independência foi extremamente difícil, porque era visto como uma rebeldia pra eles e o que tornava pior era que eu batia de frente principalmente com o meu pai, na conservação de uma família tradicional.

Comecei a experienciar o contato e um campo mais a fundo no meio acadêmico: a Libras e a Acessibilidade. Lembro-me que ao ingressar na universidade meu conhecimento em computação era limitado ao iniciar o projeto meu conhecimento foi ficando mais amplo dado a convivência com a Professora Mara Cristina e o discente Carlos Dyeggo cada convivência e contato dentro do projeto foi aprimorando meu campo de ensino.

### **3.2 Segundo Semestre**

Ainda não tinha optado por ter intérprete, estava em fase de transição na identidade surda continuava a frequentar as aulas, meu meio de comunicação ainda era a oralização; esse semestre três fatos muito importantes: estava cursando a disciplina de ginastica nas academias e como ainda não tinha interprete era difícil compreender o conteúdo ali ministrado, mas eu gostava dos assuntos pois era pratica constante temas abordados como: ginastica aeróbica, ginastica rítmica, contribuíram muito para o meu conhecimento na área de educação física e também o bem estar com a saúde, mas lembro-me de um trabalho em equipe que tinha como objetivo montar um plano de aula e ministrar a aula pratica para a turma foi uma experiência triste pois por falta de domínio no assunto e sem segurança área ministrar as aulas eu não fui capaz de exercer minha parte no trabalho, cheguei com o professor e disse que não consegui apresentar o trabalho, o professor foi flexível e passou um trabalho escrito para mim, eu tendo conhecimento sobre rendimento universitário aceitei prontamente.

Figura 11 - Minha amiga Nailza e eu na disciplina Educação Física nas Academias



**Fonte:** Acervo da autora

Na Disciplina esportes I iniciei a disciplina o professor não tinha conhecimento de que eu não ouvia então a disciplina transcorreu sem incidentes já que a didática do professor era clara eu entendi bastante em relação às outras, mesmo que ainda por mais da oralização. Em uma aula prática já finalizando o semestre, o professor pediu aos alunos que ficassem na fila e eu fui a primeira da fila o professor disse vocês vão correr e se espalhar quando eu apitar vocês viram estátua. Eu sabendo ser impossível para mim por não ouvir o sinal do professor fui avisar o professor que eu não podia participar, porém antes que eu chegasse ao professor minha amiga de classe dizendo:

Nailza: -Professor ela não pode.

Professor: Por quê?

Nailza: - Ela é Surda professor.

O professor por alguns segundos ficou em choque pois ele não havia percebido, eu não o tinha informado desde o início da disciplina, mesmo assim ele se recompôs e falou para a Turma:

Professor: -Então vamos adaptar a atividade, Rebeca você continua aí, invés de eu usar o apito irei levantar a mão que é o momento que a turma vira estatua ok?

Eu:- Tudo bem Professor

Essa foi uma experiência que marcou na minha graduação pois o professor apesar de não ter conhecimento aprofundado em inclusão, nenhuma preparação, ele teve empatia e isso fez toda a diferença no meu ensino-aprendizagem visto que esse professor se tornou uma referência tanto como profissional, como pessoal também, e a partir dessa experiência a

metodologia dele mudou nas disciplinas seguintes, as abordagens, as estratégias, a metodologia foram mais inclusivas, mais adaptadas.

A Disciplina de Anatomia foi uma tarefa árdua, pois eu ainda não tinha interprete por opção minha e porque a linguagem da disciplina muito formal, muitos termos técnicos, era uma disciplina de extrema importância para o profissional de educação física, visto que precisávamos aprender o nome dos ossos, suas funcionalidades, os processos do corpo humano, foi uma disciplina muito difícil apesar das apostilas terem uma linguagem mais clara, mas só por meio da oralização da professora a aprendizagem não era 100% pois também precisava de demonstração. Finalizei a disciplina com o conceito **Regular**, apesar de todos os desafios e dificuldades que a disciplina apresentava concluí-la foi uma vitória.

Figura 12 - Registro da VII CORRIDA UNIVERSITÁRIA



Fonte: Acervo da autora

### 3.3 Terceiro Semestre

No período 2016.4 no terceiro semestre foram ofertadas 6 disciplinas para a minha turma, dentre elas estavam Fisiologia Humana e Neuroanatomia. A Fisiologia Humana estuda o funcionamento dos sistemas celulares e orgânicos (nervoso, muscular,

endócrino, cardiovascular, respiratório, digestório e urinário), bem como suas interações entre si e com o meio ambiente. De forma geral, a fisiologia aborda assuntos relacionados à nutrição, circulação, respiração, excreção, aos sistemas de integração aos movimentos corporais, suporte e movimentos corporais, controle imunitário e reprodução, assim como processos físico-químicos que ocorrem nas células, tecidos, órgãos e sistemas do corpo humano.

Já a neuroanatomia estuda o sistema nervoso num parâmetro macroscópico, observando suas generalidades e particularidades. Graças ao sistema nervoso humano, composto por bilhões de neurônios, o homem consegue perceber, agir, aprender, se comunicar, lembrar, além de tantas funções sensoriais e motoras complexas. Foram ministradas por professoras substitutas, as aulas não eram adaptadas, as professoras não tinham experiências com alunos PCD apesar de já ter interprete em sala, a aprendizagem em relação a essas disciplinas foi muito baixa pois ambas as disciplinas trabalham questões particulares e aprofundadas do corpo humano, valendo-se de uma grande diversidade de nomenclaturas até então eram desconhecidas por mim. O fato de os professores usarem termos técnicos acabou por dificultar o ensino aprendizagem. Sendo assim era de extrema importância que os professores não apenas usarem os termos, mas os conceituassem para que eu pudesse entender do que se tratava. Por muitas vezes foram necessários os interpretes fazer desvio da sua função, exercendo papel de professor, fato que aprofundarei mais adiante. Na minha visão em relação a essas disciplinas a aprendizagem foi muito vaga, pois dado ao primeiro contato com professores por breves períodos, posso dizer que não existia uma relação aluno x professor não existia aquele suporte do professor em auxiliar em casos de dificuldades com a matéria, um exemplo eram atividades como dez artigos em inglês para serem traduzidos para o português e fazer um resumo de cada um deles, ao final das disciplinas tive o conceito **Regular** em ambas.

### 3.4 Quarto Semestre

O quarto semestre foi marcado por ser um período letivo onde a maioria das disciplinas eram teóricas, com muitas fórmulas, estatísticas para apreender e compreender, foi um período desafiador como os demais porém muitos conceitos das disciplinas na quais fui avaliada se deram ao fato dos trabalhos expostos ou entregues ao professor, que eram desenvolvidos em trios ou grupos, geralmente eu fazia a edição dos trabalhos, os slides. Minha contribuição era mínima maioria das vezes pela falta de compreensão do assunto. Nesse mesmo semestre foi ofertada a disciplina de Nutrição foi uma disciplina na qual eu tinha mais conhecimento do conteúdo, visto que era uma área que eu tinha interesse desde muito cedo, tudo transcorreu bem

nessa disciplina, a interpretação, o conteúdo, as metodologias utilizadas pela professora. Na disciplina Lazer e Recreação tive uma participação muito gratificante na qual jogamos jogos lúdicos, esportes, desenvolvemos materiais alternativos para recreação, junto com a Disciplina Psicologia da aprendizagem no mesmo semestre foi como um suporte de uma disciplina para outra o que facilitou meu domínio e compreensão dos conteúdos abordados.

### **3.5 Quinto Semestre**

No período letivo 2017.4 no quinto semestre de graduação citarei três situações bastantes relevantes.

A Disciplina de Fundamentos da Educação Inclusiva foi uma disciplina muito esperada por mim pois, como eu estava em processo de aprendizagem dos direitos das pessoas com deficiência, eu estava ansiosa pela experiência sobre o tema: Inclusão. Nessa disciplina a professora trabalhou com abordagens e metodologias adaptadas: Filmes legendados, apostilas com linguagem clara, os materiais me surpreenderam de tal forma que a experiência foi muito gratificante como também uma referência para o papel de educadora. A professora aplicou uma dinâmica para sensibilizar a turma a cerca da pessoa com deficiência, nessa dinâmica era sobre a pessoa cega, ela pediu que a turma fizesse um percurso pelo campus com uma venda nos olhos, com uma bengala, tendo também um colega como guia. Eu achava que não poderia participar pois a pessoa cega apesar de não enxergar ela conta com o apoio da audição também; a professora disse que eu também iria participar, que eu iria usar os mesmos materiais que a turma mais no meu caso eu iria ter a experiência de uma pessoa PCD surdo-cega; me senti muito feliz pois vi a professora adaptando a atividade para mim eu estava acostumada a não participar de muitas atividades, mas foi surpreendente participar de uma mesma dinâmica que a turma vivenciava, mesmo que para mim o objetivo precisasse mudar mas não me negava a oportunidade de aprender também, esse momento fez toda a diferença pois me deu o exemplo de um educador promovendo a inclusão com seu aluno PCD.

A experiência da dinâmica foi um pouco assustadora pois, eu conhecia as limitações de um surdo, na experiência da pessoa com surdez contamos com o auxílio da visão e viver com a cegueira e a surdez ao mesmo tempo me deu causa ou um grande impacto emocional, pois eu não conseguia ouvir, ver, saber quem estava do meu lado, me senti em uma escuridão, e aprendi que o meu caso tinha limitações sim, mas existem outros com limitações maiores que a minha.

Com essa dinâmica a professora tinha o objetivo de sensibilizar a turma sobre a minha surdez pois eles tinham auxílio da audição na dinâmica e então ela perguntou: ' como foi a

experiência? Pela importância da audição, me contem como vocês acham que é a limitação da Rebeca sem poder ouvir? “. A dinâmica havia alcançado seu objetivo que era sensibilizar a turma como também promover a empatia dentro da sala de aula percebeu-se que a aproximação com os colegas foi melhor depois dessa dinâmica a turma passou a interagir mais comigo, mas isso só ocorreu durante aquele período letivo.

Nesse mesmo período tive duas disciplinas que era necessário aulas práticas para melhor compreensão da disciplina ofertada, tais eram: Aquáticas e Musculação.

Em primeiro momento as disciplinas eram discutidas em sala com aulas teóricas, em aquáticas por mais que tivesse termos técnicos o professor conceituava o termo utilizado e demonstrava com movimentos corporais facilitando assim a compreensão sobre o assunto aplicado, o que resultou em um empenho maior e participação nas aulas práticas de aquáticas.

Na disciplina de musculação as aulas também eram abordadas no primeiro momento com aulas teóricas, os assuntos tinham muitos termos técnicos como também muitas fórmulas, a didática da professora eram inúmeros textos que ela lia de maneira apressada com os alunos, nas quais os mesmos reclamavam e também não havia mudanças na dinâmica, a turma se sentia prejudicada; nas aulas praticas a professora não realizava nenhum movimento para melhor aprendizagem da turma , ou seja, quem sabia realizava as atividades quem não, ficava sem aprender ou buscava outro meio de aprender como em academias, vídeos no you tube ; diante disso eu não era muito participativa nas aulas praticas de modo que não poderia fazer um movimento se não tivesse quem me ensinasse.

Analisando essas duas disciplinas que utilizaram muito termos técnicos podemos compreender que a metodologia, dinâmica, abordagem, estratégia, didática utilizadas pelo professor no âmbito da Educação Física podem levar ao sucesso ou ao retrocesso da aprendizagem tanto do aluno surdo como também do aluno ouvinte.

### **3.6 Sexto Semestre**

No sexto semestre no período 2018.2 comecei a fazer o estágio supervisionado na E.M.E.F. Madre Maria Viganó. Lá me deparei com um professor de Educação Física completamente despreparado, principalmente na questão de aluno PCD, havia um aluno surdo cursando o ensino fundamental maior na qual o aluno só ia para as aulas de educação física para não pegar falta e para que o professor quando acabasse as aulas desse a bola para os alunos jogar futebol, essa situação me desestabilizou emocionalmente pois eu via nesse aluno o mesmo pelo qual eu passei no ensino regular, minha indignação era tamanha e maior ainda por ver

perceber o desprezo do professor pelo fato de eu ser uma aluna surda como futura professora de Educação Física naquele período cheguei a cogitar a possibilidade de não fazer mais estagio nessa escola, mas era difícil encontrar escolas que aceitassem estagiários, então continuei frequentando o estágio por precisar cumprir a carga horaria mais também levando um aprendizado muito importante sobre os profissionais de Educação Física no âmbito do ensino regular.

*Figura 13 - E. M. E. F. Madre Maria Viganó*



**Fonte:** Google Imagens

Nesse mesmo semestre, eu estava passando por uma situação familiar bem crítica, me vi desmotivada a continuar o curso, não tinha mais forças para as frequentar as aulas, como também não gostava de ir para casa, a universidade se tornou a minha “ válvula de escape” para os problemas que me afetavam, comuniquei o professor Rubens e a Professora Mara que queria trancar o curso pois não tinha mais forças para a graduação, eles me orientaram, conversaram comigo, Com o apoio deles, do GEPLISES, dos interpretes e do Nacess continuei frequentando as aulas. Disciplinas como Aquáticas II, Esportes, Lazer e meio ambiente, Psicologia do Esporte e do Exercício Físico, Saúde Coletiva e Socorros Urgentes foram disciplinas que contribuíram bastante para que eu pudesse enfrentar aquele mal momento que eu estava vivenciando ,a metodologia dos professores ajudou bastante, as viagens, por esse tempo o projeto de extensão foi ainda mais importante pois era um ambiente onde eu me sentia útil, fazendo o que gostava e me deixava feliz, via na Libras uma motivação para continuar, e assim fui superando e por fim concluir o semestre.

Figura 14 - Viagem para o município de São Caetano de Odivelas



Fonte: Acervo da autora

### 3.7 Sétimo Semestre

Em meio as adversidades em relação aluno X professor; na disciplina Educação Física com Cuidados Especiais, no período 2018.4 não me identifiquei com as metodologias do professor, isso porque minha compreensão era quase nula e ainda estava muito desmotivada a continuar o curso, pensava em desistir da graduação e então comecei a faltar as aulas tendo consciência que eu seria avaliada como conceito Insuficiente e teria que fazer a mesma disciplina no próximo período letivo. porém um fato que ocorreu de forma muito negativa na minha trajetória foi: O professor me aprovou na disciplina com conceito BOM, incluiu 25 faltas no sistema; automaticamente o sistema me reprovou devido a quantidade de faltas.

Figura 15 - Notas Sigaa

|         |                                        |  |  |  |  |   |    |                         |
|---------|----------------------------------------|--|--|--|--|---|----|-------------------------|
| EF06093 | EDUCAÇÃO FÍSICA COM CUIDADOS ESPECIAIS |  |  |  |  | B | 25 | REPROVADO<br>POR FALTAS |
|---------|----------------------------------------|--|--|--|--|---|----|-------------------------|

Fonte: Acervo da autora

### 3.8 Oitavo Semestre

No período Letivo seguinte 2019.2 já tinha consciência que por muitas vezes fazer trabalho em equipe me prejudicava visto, os outros integrantes não me davam muito espaço para discutir, planos, abordagens para os trabalhos em equipe. Ingressei em outra turma para cursar a disciplina Educação Física com cuidados especiais que havia reprovado no semestre anterior, nesse período outro professor iria ministrar a disciplina, o docente responsável já havia ministrado disciplinas para a minha turma, esse professor era um dos professores em que se empenhava em adaptar as aulas, melhorar as metodologias diante disso tive uma experiência positiva na mesma disciplina que havia reprovado anteriormente. Nessa disciplina decidi fazer meus trabalhos sozinha mesmo que estivesse em outra turma, meu objetivo era desenvolver e aprimorar minhas apresentações de trabalho. No final da disciplina já como trabalho final que

foi um seminário, o professor elogiou meu desempenho, criação do trabalho e estratégia de apresentação. Isso foi um ponto tão positivo para mim que cheguei a concluir que reprovar na disciplina anterior havia o lado positivo: Compreendi melhor a disciplina, tive eficiência e aprimorei o protagonismo diante dos trabalhos na qual fiz sozinha. Nesse mesmo período foi ofertada a disciplina de Educação Física Adaptada, com aulas práticas adaptadas, metodologias , jogos de recreação tanto para alunos PCD's como para gestantes e idosos, em um trabalho que seria expositivo o professor pediu a turma que elaborassem atividades adaptadas para diversos públicos como: idosos, gestantes, surdos, cegos; no dia da apresentação do grupo que ficou responsável pela categoria Surdez, a metodologia que eles usaram não promoveu inclusão, visto que eles fizeram placas escritas para se comunicar comigo, quando na verdade as disciplinas de Educação Inclusiva, Libras e Psicologia da Aprendizagem já haviam sido ministradas para a nossa turma; foi uma experiencia decepcionante para mim visto que eu já convivía a quase quatro anos com eles, apenas sinais básicos ajudariam na comunicação até mesmo a datilologia poderia ser usada, essa situação me levou a concluir que a minha turma não estava preparada para ensinar alunos Surdos.

Antes que eu concluísse o oitavo semestre na disciplina Estágio Supervisionado IV fomos interrompidos pela pandemia o que me levou a cursar o estágio por aulas online, o estágio foi ministrado por palestras de diversos professores convidados para abordar diferentes assuntos no âmbito da Educação Física, os intérpretes mediavam online as palestras, e ao final da disciplina entregamos o trabalho solicitado para avaliação final.

#### **4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A análise de dados é a fase seguinte da pesquisa, pois é nela que, segundo Gil (2008), acontece a organização dos dados para possibilitar as respostas esperadas para o trabalho realizado.

Neste processo, os dados decorrentes do trabalho são analisados com o objetivo de conseguir respostas às indagações da pesquisadora e estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e a pesquisa bibliográfica realizada. (LAKATOS e MARCONI, 2003). Segundo Bardin (2012), tratar o material é codificá-lo e isso corresponde a uma transformação realizada com critérios precisos, transformando dados brutos a fim de se atingir uma representação do conteúdo. A autora refere-se à etapa inicial desse processo como pré análise, pois é a fase de organização que tem como objetivo sistematizar e operacionalizar as ideias iniciais.

Franco (2012) afirma que O significado de um objeto pode ser absorvido, compreendido e generalizado a partir de suas características definidoras e pelo seu corpus de significação. Já, o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado, que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das Representações Sociais, cognitivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas”. (p. 13)

#### **4.1 Duas vidas em uma**

A transição de Ouvinte x Surda foi um desafio principalmente no âmbito familiar; minha família via a minha surdez como uma “enfermidade”, “incapacidade”, lembro-me da felicidade deles quando consegui o aparelho externo eu estava iniciando o ensino fundamental, a expectativa que eles tinham era que com o aparelho eu voltaria a ouvir. Na minha concepção pela falta de informação, grande expectativa e anseio para que eu ouvisse logo, prejudicou em parte a minha adaptação ao aparelho.

As reuniões em família por muitas vezes eu saía de perto, por ter não ter alguém pra conversar, preferia estar no celular do que ficar sem entender sobre o que eles conversavam, por muitas vezes repetiam sobre o que falavam para que eu pudesse participar, me sentir “incluída”, perguntavam sobre a escola, vida pessoal, brincavam comigo, a dificuldade maior era acompanhar a interação entre eles devido que fazer leitura labial não conseguia entender 100%. Eles tinham uma preocupação constante comigo, um medo do que poderia acontecer, eu não podia sair sozinha motivo por ser surda e ter epilepsia também, sai para fazer trabalho em casa de colegas de classe era uma briga, pois eu não aceitava ser dependente deles, quando eu ia era sempre com a minha irmã me acompanhando, ou com a minha mãe junto, nesse tempo eu ainda não entendia, não aceitava essa obsessão de cuidado, independência era um assunto complicado, por esse motivo tive muitos atritos com meu pai, ele não entendia, achava que eu estava indo para o “mal caminho”, minha mãe já era mais flexível, já entendia melhor. Apesar de todas essas dificuldades meus pais sempre lutaram para que eu tivesse um futuro melhor, me ensinaram valores, educação, comportamento, me incentivaram a sempre estudar, e formar no ensino superior, por muitas vezes eu cheguei chorando em casa por ter tirado nota vermelha (matemática era uma dessas disciplinas), mas eles sempre incentivaram a estudar mais, a pesquisar, me diziam que eu conseguiria sim, por mais que as vezes eles não pudessem me ensinar, mesmo que eles não tivessem a informação que eu precisava, nunca me deixaram eu me conformar que eu era incapaz, que eu merecia menos, eles sempre estiveram dispostos a me levar no cyber para pesquisar, estudar, me levar e buscar na escola, universidade.

Na igreja eu praticamente ia para passar duas horas sentada sem entender nada, o que me confortava e eu podia participar era o momento do louvor na qual eu participava dos ensaios, no culto eu cantava com o coral, esse momento era o que me reconfortava, e nas horas seguintes eu passava o restante do culto lendo a bíblia para me entreter, orar foi um hábito que meus pais me ensinaram em casa e não que eu aprendi na igreja, meu anseio na minha religião era poder entender a palavra ter um intérprete que pudesse interpretar para mim, na minha denominação deficiência sempre foi vista como uma enfermidade então inclusão, ter um intérprete era considerado um modismo, uma coisa desnecessária.

Minhas amizades sempre foram limitadas geralmente por medo de comunicação tanto eu como elas e vice-versa, as amizades que eu tive ao longo dos anos foram pessoas que tiveram empatia por mim e procuraram me conhecer melhor, se adaptaram pela convivência, foram amizades criadas na escola, na igreja, na universidade, a comunicação com os amigos sempre foi de forma oralizada dentre eles apenas dois amigos de turma na universidade e a minha irmã fizeram curso básico de libras ofertado pela UFPA, apesar de ainda nos comunicamos por oralização a libras deu um suporte muito importante na comunicação, palavras que eu não entendia, agora eles tinham o alfabeto manual para fazer a datilologia para/ que eu pudesse entender as palavras, assim como também eles perguntarem sinais, fazer piadas e como resultado a interação melhorou muito.

#### **4.2 Ser surdo na educação básica: os desafios**

Diante dos Fatos apontados no ensino regular até o ensino médio vivenciados podemos citar que conforme Oliveira (2004) o paradigma da inclusão, que vemos surgir na década de 1990, visa a inclusão das pessoas com necessidades especiais ao sistema comum de ensino rompendo a discriminação destas pessoas na escola, que estava configurada por meio das “classes especiais”. Este paradigma tem como pressuposto uma “educação para todos”, ou seja, uma educação que respeite as distintas peculiaridades sociais e individuais dos alunos.

Segundo Dorziat (2011), a concepção de inclusão teve impulso e se fortaleceu a partir da Declaração de Salamanca de 1994, que traz em seu bojo várias propostas detalhadas sobre a necessidade de preparação das escolas comuns para que incluam todos os indivíduos historicamente excluídos do sistema educacional. Contudo no Brasil mesmo diante dessas

premissas aparadas pelas leis, decretos e Bases da Educação Nacional, as escolas segundo Dorziat (2011, p. 24)

[...] continuam a manter as mesmas e precárias condições oferecidas aos que já estavam supostamente incluídos. Se os já incluídos não veem atendidas suas necessidades educativas mais elementares, como esperar que haja disponibilidade dessa mesma escola em se preparar para receber os excluídos.

No âmbito deste processo de inclusão/exclusão estão os alunos Surdos que historicamente têm sofrido as consequências de uma educação voltada para o desenvolvimento das habilidades.

Para Dorziat (2011, p. 60), “os Surdos, assim como outros cidadãos, têm direitos fundamentais, entre eles e o mais importante é: vivenciar sua experiência humana de ser Surdo em toda a extensão que isso represente”. Neste sentido “quando se trata de inclusão, a valorização da língua de sinais para os Surdos é questão essencial, como possibilidade de igualdade de condições de desenvolvimento entre as pessoas” (DORZIAT, 2011, p. 27).

Com Bases nesses pressupostos e a vivencia da aluna no ensino REGULAR, surge alguns questionamentos: Onde estava a qualidade de ensino? Os professores estavam comprometidos com o ensino para todos? Em algum momento houve inclusão em sala de Aula?

Diante do fato de os professores avaliarem a aluna com conceitos que não faziam jus ao seu desempenho escolar é importante citar que:

Quando um indivíduo ocasiona danos físicos a outro, resultando em morte, chamamos o ato de homicídio doloso; quando o agressor sabe de antemão que o ferimento será fatal, chamamos de assassinato, que não parece o que é, porque ninguém vê o assassino, porque a morte da vítima parece natural, pois o crime é mais por omissão do que por cometimento. Mas não deixa de ser assassinato (ENGELS, 2008).

Diante desta citação podemos refletir que a omissão, a falta de importância que os professores deram ao desenvolvimento da aluna foi considerado um assassinato social, visto que os professores tinham plena consciência que tais negligências trariam consequências devastadoras como: retardo no ensino-aprendizagem, mal desenvolvimento de suas habilidades educacionais, conflitos na formação de identidade como indivíduo; Problemas estes que precisariam ser corrigidos mais adiante como no ensino superior e na fase adulta.

Padilha (2009) evidencia a importância de a educação estar diretamente ligada aos fundamentos de igualdade e diversidade das políticas públicas juntamente com professores comprometidos com o ensino para todos, onde todas as relações desde a escolha do conteúdo,

a metodologia de ensino e as formas de avaliações devam atender as necessidades de cada aluno.

São crianças, são alunos, têm direito aos estudos, ao conhecimento, à inserção cultural, se respeitadas as diferenças linguísticas e consequentemente forem aprimorados procedimentos didáticos adequados. A escola seriamente comprometida com o aprendizado dos alunos Surdos vê e assume o domínio da Língua Brasileira de Sinais para todos que nela estão. Todos ganham em conhecimento; todos ganham em partilha de vida: ouvintes e Surdos (PADILHA, 2009, p. 119).

### **4.3 Ensino superior: novos caminhos**

Passar no vestibular é algo tão gratificante para todos aqueles que buscam sua realização profissional, e para mim não foi diferente ainda mais estudando na escola, em cursinho pré vestibular sem entender muito os professores, perdendo informações importantes, as horas a fio pesquisando na internet, relendo os livros do ensino médio; ao ver que todos esses esforços não foram em vão, foi muita emoção quando passei, uma felicidade sem tamanho, ficou a sensação de “EU CONSEGUI!

Minha escolha pessoal de fazer o ensino superior já havia sido feita, a escolha profissional também; mas o que me levou a escolher o Curso de educação física?

Fui influenciada primeiramente pela perspectiva de “[...] implica que irei muito bem, fazendo o que gosto [...]”. Diante desse pensamento minha primeira opção foi cursar Nutrição, pois era uma área que eu gostava muito de pesquisar, área associada ao bem-estar; porém eu e minha família morávamos no município de santa maria do Pará e o curso de Nutrição só era ofertado em Belém-PA, diante dessa fato era inviável que eu cursasse nutrição a única alternativa era que eu estudasse em Castanhal que era o município mais próximo, então eu deveria ter um “Plano B” e pesquisando quais cursos eram ofertados pela UFPA-Castanhal o Curso de Educação Física foi o que me chamou mais atenção devido que estudava a saúde, o Corpo humano, tinha a disciplina de nutrição na grade curricular, então optei por educação física.

Porém muitas dúvidas surgiram tais como: uma professora Surda de Educação física? Isso é possível? Como vou entender as aulas se eu não escuto? Como é possível que eu curse educação física se eu não gostava dessa disciplina na escola? Muitas foram as perguntas e dúvidas sobre a minha capacidade de cursar uma universidade eu ainda não conhecia minha própria força, minha identidade tudo para mim era novo e desconhecido, mas não impossível.

O contexto universitário é desafio para todos os jovens, estes que precisam se adaptar a vida acadêmica, conhecer as obrigações que ela impõe, novas informações, novos conhecimentos por muitas vezes os discentes precisam contornar as falhas da trajetória escolar anterior, como deficiências de linguagem, inadequação das condições de estudo, falta de habilidades lógicas, problemas de compreensão em leitura e dificuldade de produção de textos (SAMPAIO; SANTOS, 2002).

Os jovens surdos, como quaisquer outros, terão de fazer frente a expectativas, normas e modos de funcionamento diferentes daqueles de sua experiência escolar anterior. A adaptação na universidade dependerá de suas características pessoais, habilidades, de sua história e da forma como encara esse período de desenvolvimento próprio da faixa etária do jovem adulto, marcado pela construção da identidade, da autonomia, de ideais e de relações interpessoais (FERREIRA; ALMEIDA; SOARES, 2001).

Ao analisarmos o ingresso da discente ao meio acadêmico vemos a dificuldade em se adaptar a linguagem em sala de aula, a comunicação e interação com os professores, o ponto que mais destaca-se é a discente não se aceita como sujeito surdo, falta de conhecimento sobre seus direitos e acessibilidade, sendo este uma das principais dificuldades em adapta-se ao meio acadêmico.

Diante desse problema destacamos o momento do encontro SURDO-SURDO, onde a aluna tem seu primeiro contato com um professor surdo, diante disso ela teve o encontro com a própria identidade, nessa breve interação a discente teve sua primeira compreensão SURDO X SOCIEDADE, o professor se tornou uma referência de vida, no momento em que ela passou a associar suas dificuldades, limitações semelhantes ao do professor.

[...] aquilo no momento de meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria. Aquilo que identificava eles identificavam a mim também e fazia ser eu mesma, igual. (PERLIN, 1998, p. 54)

Cultura surda é trazida como elemento constituidor de nossas identidades como surdos, na relação de poder com os ouvintes e na produção de significados a respeito de nós, do nosso grupo, de outros grupos culturais. O encontro surdo-surdo representa, pois, a possibilidade de troca de significados de constituição de identidades. Assim, CONSEGUIMOS construir possibilidades de troca efetiva e compartilhar o processo político que significa e dá sentido.

Para Catão (2001), é na relação do jovem com o passado, com o presente consequentemente com o futuro que eles assentam seus projetos de vida, na maioria das vezes está relacionada á conquista e escolha profissional. Esses projetos de vida se caracterizam pela relação entre a ação do homem em direção ás várias possibilidades e também impossibilidades do futuro.

#### 4.3.1 Relação aluno surdo x Professor

Minha relação com os professores foi uma caminhada árdua, pois tinha ingressado nesse novo ambiente de ensino sem muita informação, também posso dizer o mesmo dos professores. Era nítido que a maioria dos docentes não era informado pela faculdade sobre ter na turma 2015.2 uma aluna surda, quando não os professores não davam muita importância e não demonstravam interesse em mudar ou adaptar as metodologias da aula para que eu tivesse melhor compreensão do conteúdo. Antes que um período letivo iniciasse o Núcleo de acessibilidade (Nacess) entrava em contato com os professores por e-mail, solicitando os materiais ( apostilas, slides, vídeos) que seriam aplicados em sala de aula , para que estes pudessem ser adaptados para mim e os interpretes pudessem se basear neles para melhor interpretação e melhor compreensão do assunto que seria abordado em sala de aula, exemplo: os vídeos que não possuíam legenda o Nacess adaptava (incluía legenda) e eu tinha um acessibilidade melhor durante o vídeo, isso facilitou muito quando o professor pedia uma síntese, um resumo, acerca do conteúdo estudado.

No entanto poucos professores davam retorno para o Nacess com os materiais da disciplina; por outras vezes enviavam os materiais atrasados isso quando já estávamos na quarta aula da disciplina, esse problema dificultava muito a aprendizagem visto que poucos termos em Educação física tinham sinais em Libras. Podemos destacar aqui a barreira atitudinal por parte dos professores. Comunicação entre Aluno X Professor era praticamente nula pela maioria dos Docentes visto que eles não sabiam Libras nem o básico, ou não estavam preparados para Lidar com a Minha “Diferença” , ou por Medo da Comunicação eles preferiam falar com o interprete para que este repassasse para mim a informação, eu por muitas vezes considerei esse comportamento como Preconceito e discriminação visto que eu entendia a oralização também por leitura labial então essa falta de preparo para mim era só uma desculpa para não interagir, desse modo por vezes eu fugia desses professores já que essa situação era constrangedora tanto para mim quanto para eles, destaco aqui a barreira comunicacional. Sassaki (2009) são barreiras

na comunicação entre pessoas. Uma outra parte do corpo docente que lecionou no decorrer do Curso se mostrou mais solícita em contribuir para a que houvesse maior acessibilidade, enviavam os materiais para o Nacess antes do início do semestre, solicitavam os intérpretes com antecedência para viagens acadêmicas, escolhiam apostilas com linguagem mais clara o que proporcionava melhor compreensão do conteúdo para mim quando eu lia. Um ponto que é importante destacar é a metodologia das disciplinas, quando o professor aplicava metodologias mais pedagógicas meu conceito era maior, a compreensão e aprendizagem eram mais desenvolvidas, até mesmo nas aulas práticas quando o professor era mais apto a demonstrar como fazer tal movimento eu tinha melhor domínio do assunto e prática, Disciplinas como: Esportes, Natação, Educação Física na Academia era Disciplinas na qual eu dominei mais o assunto; diferente das disciplinas que eram mais técnicas e teóricas quando não se adaptava a metodologia para que esta tivesse uma abordagem mais clara, mais compreensiva meu conceito caía e na maioria delas eu recebia um conceito regular.

Na situação anteriormente citada sobre o docente ter me aprovado com conceito BOM, mesmo tendo sido incluída no sistema com 25 faltas, diante dessa situação, é necessário fazer questionamentos: O professor me avaliou corretamente? Analisando tal situação quais conclusões eu tive acerca do professor e ensino dessa disciplina, levando em conta que estava no ensino superior em formação para um futuro profissional em Educação Física?

Conquistas, desafios, sucesso e dificuldades estavam presentes no meu dia a dia da universidade, uma delas foi o não saber escrever adequadamente com coesão de acordo com o âmbito acadêmico, desenvolver artigos era difícil, por mais que eu tivesse muitas ideias sobre temas que poderiam ser pesquisados foram poucos que elaborei, a norma culta usada pela universidade sempre quis segui-las, escreve-las nos trabalhos ter um conhecimento amplo sobre a diferença de resumo, síntese, análise as disciplinas de metodologia científica me deram algum suporte mas não o bastante para que eu elaborasse meu TCC, diante desse fato fica destacado aqui enquanto redijo a minha dificuldade em escrever.

Silveira (2008 apud DAROQUE, 2010) afirma que os professores, em geral, não são informados sobre a presença de alunos surdos e sentem-se despreparados, impotentes para lidar com eles. E segundo Silva (2000) ao receberem esses alunos, eles se sentem angustiados e frustrados por se reconhecerem completamente despreparados para propiciar-lhes experiências adequadas de aprendizagem.

Para Daroque (2011) condições como essas são encontradas pela maior parte dos professores quando em seu trabalho se deparam, conforme diz Tartuci (2005, p. 5), com “a

ausência de uma formação que contemple a existência de diferentes sujeitos e de sujeitos com diferenças significativas”. O que acontece é que o aluno surdo não é o aluno esperado e encontrado na grande maioria das salas de aula.

Tal percepção constitui a zona de tensão na relação entre professor e alunos surdos, a qual se manifesta por questionamentos tais como: o que pode ser exigido de leitura e escrita dos surdos no Ensino Superior? Onde começam e onde terminam as dificuldades que podem ser atribuídas às diferenças linguísticas? Questionamentos estes que se fazem extremamente necessários, para que possamos ampliar uma reflexão dessa relação professor-aluno (DAROQUE, 2011). Outro aspecto no que se refere à metodologia, diz respeito aos métodos de avaliação do estudante surdo no Ensino Superior. Avaliar, por si só, é um dos aspectos mais complexos da prática docente. Avaliar levando em conta diferenças em termos de acessibilidade e comunicação e, ao mesmo tempo, observando os critérios mínimos estabelecidos para a formação superior quanto ao desenvolvimento de habilidades e competências é mais complexo ainda (DAROQUE, 2011).

Para Daroque (2011) quando o professor tem um olhar mais atento e oportuniza a participação do aluno surdo dando-lhe o tempo necessário para esta interação, o aluno percebe-se “acolhido” pelo professor, sentindo que suas necessidades foram contempladas e que houve certa flexibilidade na dinâmica planejada. Esta relação de troca, atenção e “acolhimento” parece ser compreendida pelo aluno surdo como uma maneira de superar os problemas que se apresentam, pois ele identifica o professor como um possível aliado na caminhada acadêmica, como alguém que, conhecendo suas especificidades nos modos de aprender, pode ajudá-lo a lidar melhor com os percalços e dificuldades.

#### 4.3.2 Relação aluno surdo x Intérprete de Libras

Meu primeiro contato com um interprete em sala de aula foi no terceiro semestre da graduação, como já foi citado; foi um momento desafiador visto que meu contato com a fluência de libras ainda era muito recente, tinha receio de não compreender os sinais, mas com a passar do tempo fui compreendendo que a relação Aluno x interprete era desenvolvida a partir da interação e convivência no dia a dia, pois uma aula de educação física interpretada para Libras era tão desafiadora tanto para eles quanto para mim.

No decorrer do curso de educação física, houve muitos avanços como retrocessos na inclusão de uma aluna surda e interprete dentro da sala de aula, inicialmente foram dois

interpretes que me acompanharam nos primeiros meses depois de eu ter decidido ter interprete como mediador, logo em seguida foram três intérpretes que me acompanharam em sala de aula, organizados em cronograma de aulas, eram dois interpretes por aula, os intérpretes me acompanharam 6 semestres consecutivos no curso de graduação. Com a inclusão do interprete em fala de aula foram feitos muitos avanços como: melhor contato com o conteúdo abordado em sala de aula, maior autonomia como discente, participação em programas de extensão, apresentação em seminários, palestras; maior fluência em Libras e maior independência em sala de sala.

Entre os desafios na relação aluno surdo x intérprete estava a função do intérprete em sala de aula, pois os professores por muitas vezes não viam o intérprete como um mediador mais como um segundo professor que me ensinava isso se dava por muitas ocasiões em que eles se viam no desafio de interpretar termos de educação Física e explicar o significado que eles próprio desconheciam diante disso por vezes eu ficava sem uma informação de qualidade como também perdia parte do conteúdo. Diante desse fato por termos em Educação física que ainda não tinha sinais em libras e evitar perda de informação dentro da interpretação eu e os intérpretes tivemos que desenvolver sinais temporários desses termos para que fosse evitada a datilologia em Libras e a interpretação não fosse afetada.

Em muitas situações me senti constrangida quando os professores se dirigiam a eles e não a mim para fazer perguntas básicas como: “ela está entendendo?”, “Alguma dúvida?”, pois tendo o interprete como mediador em sala de aula era possível perguntar a mim, e diante disso me passava a impressão de que os professores não me viam como protagonista da minha própria vida e que eu era muito dependente do intérprete, esse fato se devia pela falta de conhecimento do professor ou pelo medo da comunicação e interação com o aluno Surdo.

Um outro fato foi o despreparo dos intérpretes, nem todos inicialmente estavam qualificados para interpretar, mediavam as aulas como se fosse uma conversa informal; a falta de interpretação formal diante do que o professor explicava a turma, por vezes eu precisei recorrer aos meus colegas para ter uma informação mais clara; a falta de ética do intérprete também foi outro fator. E para que a inclusão do aluno Surdo seja, realmente satisfatória, Pazini (2011) afirma que “é fundamental que além da presença do intérprete de libras na sala de aula os outros fatores estejam presentes na sala de aula como materiais didático-pedagógicos para um trabalho significativo e eficiente no processo de ensino-aprendizagem.” Porém este deve ser um profissional qualificado e apto a exercer tal função.

Quando se insere um intérprete da LIBRAS em uma sala de aula abre-se a possibilidade de o aluno surdo receber a informação escolar nessa língua, por meio de uma pessoa competente. Ao mesmo tempo, o professor ouvinte pode ministrar suas aulas sem se preocupar em como passar a informação em sinais, atuando em sua língua de domínio. Pode-se afirmar que, nesse caso, a condição linguística especial do surdo é respeitada, o que aumenta a chance de ele desenvolver-se e construir novos conhecimentos satisfatoriamente (LACERDA, 2000).

Segundo Famularo (1999), a interpretação não é tarefa fácil, uma vez que não envolve meramente um ato mecânico de substituir palavras de uma língua para outra. O intérprete deve conhecer com profundidade tanto a língua portuguesa quanto a Libras para que compreenda as intenções de quem fala, encontrando os termos equivalentes possíveis. Para a autora, a interpretação é um processo que envolve a necessidade tomar decisões sintáticas, semânticas e pragmáticas.

É fato amplamente conhecido que muitos intérpretes não têm domínio do assunto que vão interpretar, gerando a supressão, adição ou confusão de informações, o que faz com que o surdo, constantemente, mesmo contando com a ajuda de um intérprete, não tenha acesso a mesma informação que os seus pares ouvintes.

Dessa forma, vale salientar que a colocação do intérprete em sala de aula não significa que a questão de educação dos surdos está resolvida. Já que nem todos os surdos conhecem e utilizam a língua de sinais, o que faz com que o trabalho do intérprete seja direcionado apenas aos surdos usuários desta língua. Além disso, a presença do intérprete não assegura que questões metodológicas particulares de cada escola sejam consideradas, ou ainda que o currículo aborde peculiaridades e aspectos culturais da comunidade surda

#### 4.3.3 Relação aluno x Turma

Ao ingressar na universidade me deparei com um ambiente majoritariamente ouvinte, apesar de não ser um ambiente desconhecido para mim, mais era muito mais desafiador, principalmente em que se tratava de “cada um por si”, envolvia interagir com os colegas, fazer trabalhos em grupo; a maior dificuldade que tive em adaptar nesse meio social foi a barreira comunicacional.

No convívio do dia a dia conheci alguns colegas que foram bem prestativos comigo, perguntavam se eu entendia as aulas se eu estava com alguma dúvida, por muitas vezes estando com dúvida eles falavam que iam perguntar para o professor eu tinha vergonha de perguntar pois para mim perguntando era como se isso expusesse minha “incapacidade” eu não tinha

consciência que isso me prejudicava muito, nos trabalhos em equipe três colegas se dispuseram em fazer trabalhos comigo: Emerson Ferreira, Nailza Daryelle e Thainá Silva, entre nós se desenvolveu uma amizade, isso me ajudou muitíssimo ao decorrer da vida acadêmica.

A convivência com outros colegas era complicada, a maioria sem conhecimento era preconceituosa, riam de mim quando eu ia apresentar os trabalhos, principalmente nos primeiros semestres quando apresentava os trabalhos por meio oral, sempre soube da minha dificuldade ao falar; quando passei a apresentar os trabalhos em Libras com auxílio do intérprete a situação não melhorou, a turma não me dava atenção no momento em que eu apresentava, para mim isso era uma falta de respeito, por muitas vezes eu não conseguia ser forte o bastante para o levar a desagradável situação na esportiva e então eu finalizava minha apresentação quando acabava eu ia ao banheiro chorar, era demais para mim;

Diante desse fato analisando com uma visão mais madura e instruída, percebo que os alunos tinham um certo preconceito esse denominado Capacitismo que segundo Dias (2013, p. 2), “capacitismo é a concepção presente no social que lê as pessoas com deficiência como não iguais, menos aptas ou não capazes para gerir as próprias vidas”.

Por vezes alguns professores chamavam atenção da turma sobre isso, mas nunca foi o bastante, pois apesar de ser Surda e não ouvir o que falavam eu tinha plena consciência de que debochavam de mim, ao longo dos períodos acadêmicos eu fui conhecendo meus direitos, deveres, criando meus princípios profissionais isso me fez aprender a olhar esse meio, as situações mais criticamente e me ensinando a lidar melhor, no início do curso eu era muito insegura sobre quem eu era, sobre o que eu poderia fazer ao fim do curso estava mais empoderada, tinha conhecimento pelo o que lutar, pelo o que não aceitar, lutar e o mais importante eu descobri minha própria identidade no meio social.

#### 4.3.4 Relação aluno x Projeto

Não poderia de deixar de citar aqui, a maravilhosa experiência que tive no projeto de extensão “Libras nas universidades” no ano de 2016 fui convidada pelo Professor Rubens Faro para ser bolsista do Projeto cujo o objetivo era Garantir a difusão e o uso da Língua Brasileira de Sinais entre os alunos, os surdos ingressos da instituição e os acadêmicos de outras Instituições de Ensino Superior e Profissionais da Área da Educação do município de Castanhal, promovendo o aprendizado da Libras aos ouvintes e surdos não alfabetizados em sua língua materna, participando durante um ano como voluntária fui aprendendo o básico da Libras assim como também tendo Contato com o Professor, me levou a ficar fluente em Libras.

Minha principal tarefa no projeto foi organizar as aulas e as outras atividades referentes ao curso, assim como também organizar a frequência dos alunos. com o passar do tempo o projeto foi ampliado e criou-se o grupo GEPLISES (Grupo de Estudos e Pesquisas em Língua de Sinais e Educação de Surdos) o qual desenvolveu várias atividades como teatros em Libras, rodas de conversas, oficinas, minicursos e o já tradicional, curso de Libras.

A vivência no projeto teve um papel fundamental para o meu perfil como professora, passei a ministrar aulas dentro do curso, assim como também participar de palestras, seminários nacionais, estaduais, desenvolvendo assim meu papel como educadora. As experiências dentro do projeto trabalharam muito minha autonomia e individualidade, como por exemplo organizar aulas, desenvolver dinâmicas e atividades para o curso de Libras.

A seguir uma sequência de imagens que fizeram parte de marco na minha formação acadêmica.

Figura 16 - Geplises ministrando Oficina de Libras no Sesc Castanhal



Fonte: acervo autora

Figura 17 - Apresentação de trabalho modalidade Oral/Sinalizada no VII CBEE



Fonte: acervo autora

Figura 18 - Foto com a Autora Cristina Lacerda Na UFSACar



Fonte: acervo autora

Figura 19 - Organização de Materiais para o Projeto



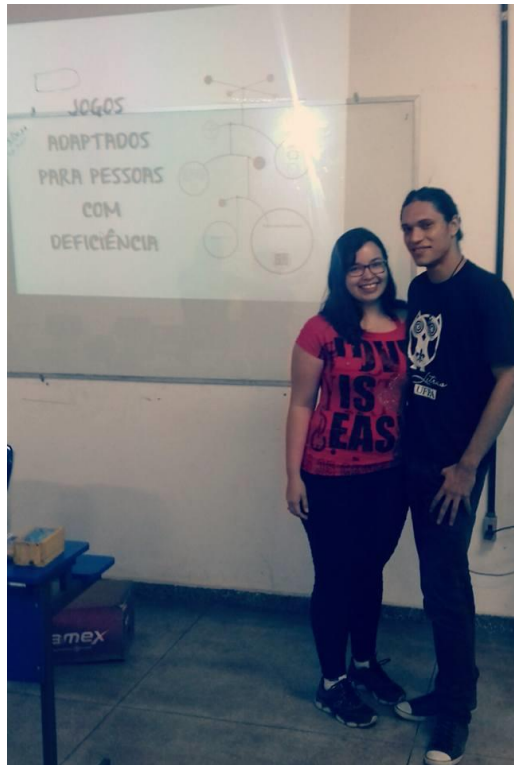
Fonte: acervo autora

Figura 20 - Geplises no 16 anos da lei de libras UFPA-castanhal



Fonte: acervo autora

Figura 21 - Ministrando junto Com Carlos Dyeggo Jogos adaptados para pessoas com deficiência



Fonte: acervo autora

Figura 22 - Geplises na Formatura do Curso de Libras



Fonte: acervo autora

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho desenvolvido é preciso reconhecer que a instituição de ensino superior, assim como a sociedade em geral, está pouco preparada para receber o estudante surdo como futuro profissional em Educação Física. Compreende-se, portanto, o recurso de se utilizar uma definição segura e positiva que possa servir de ponto de sustentação identitária. Como afirma Breivik (2005), no mundo contemporâneo há poucas (ou nenhuma) posições identitárias seguras. Minorias e outros grupos marginalizados enfrentam maiores obstáculos, pois é difícil alterar as definições impostas pela maioria. Essa maioria, no ambiente universitário, tem pouco convívio direto com os surdos, e pouco ou nada conhece sobre a surdez ou sobre a língua de sinais.

A convivência com um surdo, portanto, passa a ser uma novidade muito grande na comunidade acadêmica, o que contribui como experiência e preparo na formação acadêmica, para que os futuros profissionais de Educação Física estejam preparados para ensinar a comunidade surda dentro das escolas, projetos comunitários, academias. Se faz necessário que a Universidade desenvolva cada vez mais projetos, programas de formação em inclusão para toda a comunidade acadêmica. Que os docentes sejam avaliados em seus planos de ensino, metodologias que promovam inclusão para os discentes com deficiência. Pois o agora, o amanhã e o futuro quem faz somos nós.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2012
- BREIVIK, J.-K. **Deaf identities in the making**. Washington, D.C.: Gaulladet University, 2005.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e pesquisa**, v. 28, p. 11-30, 2002.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Boitempo Editorial, 2008.
- FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 4 ed. Brasília: Liber Livro, 2012.
- FAMULARO, R. **Intervención del interprete de senas / lengua oral en el contrato pedagógico de la integración**. In. SKLIAR, C. (Org.) Atualidades da educação bilíngüe para surdos Porto Alegre: Mediação, 1999. v.1.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCHESAN, ANDRESSA; CARPENEDO, REJANE FIEPKE. **Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência**. Revista Trama, v. 17, n. 40, 2021.
- PAZINI, Maria Rita Cotillo. **Alunos com surdez de escola pública em um contexto inclusivo**. Dissertação de Mestrado. CUML. 2011
- PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. Fundamentos da educação de surdos. **Florianópolis: UFSC**, 2008.
- SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.